OBRAS POETICAS

DE

PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO.

TOMO II.

Nova Edição.

DE JANEIRO.

IMPRESSÃO REGIA.

1812.

Com Licença de S. A. R.

OBRAS POETICAS

DE

PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO

TOMO II.

Nova Edição.

RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.

1812.

Com Licença de S. A. R.

OBRAS POETICAS
DE GARÇÃO.

EPISTOLA I.

SE a sombra dos jouzeiros sempre verdes,
Que nas em junto ás aguas de Aganipe,
Inda, Amigo, te ar costar socegado;
Se das solitas correntes, que do cuco
Do frondoso Parnaso estão cahindo
Por entre frias, e murgosas pedras,
Sem duvida te fartares, ainda bebes
Se as graciosas Musas te rodêão;
Encosta a curva Lyra sobre o peito;
As suteas cordas fêre, escreve a Olivar:
Era Eithema, como escrevo, te traz gosto;
Pensas o liberdade, ao duro cepo,

OBRAS POETICAS
DE GARÇÃO.

EPISTOLA I.

SE á sombra dos loureiros sempre verdes,
Que nascem junto ás aguas de Aganipe,
Inda, Amigo, te encostas socegado:
Se das soltas correntes, que do cume
Do frondoso Parnaso estão cahindo
Por entre frias, e musgosas pedras,
Sem nunca te fartares, ainda bebes:
Se as graciosas Musas te rodêão;
Encosta a curva Lyra sobre o peito,
As aureas cordas fére, escreve a Olino:
Se a Rithma, como escravo, te traz prezo,
Perdida a liberdade, ao duro cepo;

Québra as fortes cadêas, não he justo
Que o continuo zum-zum do consoante,
Que o ouvido agita só, a alma não,
Esfrie o fogo, que na idéa nasce:
Não busques pensamentos exquisitos
Em denegridas nuvens embrulhados;
Não tragas não metaforas violentas,
Imitando esse Corvo do Mondego,
Que entre os Cisnes do Téjo anda grasnando:
Usa da pura lingua Portugueza,
Que aprendido já tens no bom Ferreira,
No Camões immortal, em Sousa, e Barros:
Em Grego não me escrevas, nem Latim;
Dá-me conta da tua larga vida:
Desejo que me digas se inda preza
No pensamento trazes a Cachopa;
Se com tres companheiros n' uma banca
De panno verde ornada o Whist jogas;
Se ouves fallar Francez; e se inda lavra

O mal, de que hoje tantos adoecem;
Fallo daquella praga desastrada
Dos enfermos Poetas, que não querem
Os remedios tomar para sararem.
Conta-me em que exercicios vás gastando
O tempo, que lá tens; se ao som do rio
Compões os brandos versos, com que arrancas
Do cume das montanhas levantadas
Os arreigados Cedros para ouvir-te.
Eu, Amigo, depois que te deixei,
Triste vejo nascer, e pôr-se o Sol;
Os mais dos dias passo em minha casa
Sentado n'um banquinho, e recostado
N' uma despida banca, poucos livros,
Algum papel, com pennas, e tinteiro
He quanto só me adorna o estreito quarto.
Alguns Amigos tenho, mas distantes;
Nem cavallos, nem seges á bolea
Tenho para tão longe ir visitallos:

Temo de sahir fóra. . . . Ah não te engano,
Temo de sahir fóra: Desta banda
Me empurra o aguadeiro, e de estoutra
Me atropella a Saloia co' seu macho;
Hum vem á redea solta no rabão,
Outro corre no coche á desfilada;
Para esta parte fujo, eis-que de sima
Sobre mim vem a çuja caldeirada;
Os confusos, os vagos pregoeiros,
Os ouvidos me atrôão com seus gritos;
Hũ,, Quẽ as flores merca,, Outro os polvilhos:
Então eu cá comigo vou dizendo:
„ De que servem polvilhos a hum Poeta,
„ Se a hum filho de Apollo o verde louro
„ He o melhor adorno, he todo o fruto?
Desta sorte não posso, caro Amigo,
Novidades contar-te cá da Corte.
Pois que te contarei? Eu sei sómente
Que entrão náos pela barra, e sahem náos

Com as vélas inchadas ; sei que corre
Para o ceruleo mar o louro Téjo ;
De Lisboa , e das Cortes Estrangeiras
Não saberei dizer-te cousa alguma ,
Que o tempo todo gasto em ler Virgilio
No meu pobre , mas certo domicilio.

Ao Senhor Doutor João Evangelista

EPISTOLA II.

QUal sordido Pedreiro, que doente
De hum Hospital jazeo no leito pobre,
Quando torna dalli convalescido,
Mais esbelto, pellado, e macilento,
Em casa não acerta com a trolha,
Picareta, e colher; tudo lhe falta:
Assim depois de tantos negros dias,
E noites longas, mais que as de Lamego,
Em funebres idéas mal gastadas,
Com pennas, e papel não sei haver-me.
Quero grasnar em verso, mas não posso:
Dos olhos me fugio o santo lume,

Que me guiava ao cume do Parnaso.
Por fatuo me tivera, se a Fortuna,
Em cambio da alegria que me rouba,
Me désse dous rabões com tres lacaios
Brilhantes, rendas finas, e velludos,
Que bécas são de tolos, e casquilhos.
Mas de Poeta, Amigo, só me resta
Desastres, e miserias; filhos rotos,
De valadío o tecto, a vinha calva,
Caseiros, Arquitectos, e criados
Mais duros que as Catastas de Perillo:
E neste bom estado me provocas
A cantar, e tanger na doce Lyra.
Que ha de fazer hum Cysne desazado;
Hum cansado rocim, que já não chega
A' méta desejada, sem mil vezes
Cahir, dando aos ilhaes na liza arêa?
Mas se pragas me rogas, que mais queres
Que ver Heytor dos fervidos cavallos,

Do colerico Achilles arrastado,
Tingindo a dura terra o negro sangue?
Supponho que a metafora percebes:
O Nadegas, que viste esfrangalhado
A passapello vir da pobre Aldêa;
Porque lhe devo já huns tantos mezes,
Me ralha, e me governa focinhudo;
C' o rabo agazalhado, já capeia
As aias, as rascoas da cozinha:
Eu delle me recato, só me falta
Lucrecia vir a ser *deste Traquinio.*
Agora te ris tu; e Manoel Gomes
O nariz encrespando, te pergunta
Que fabulas são estas? Não lhe expliques
O sentido moral; deixa-o confuso:
Não convem que criados tudo saibão.
Dize-lhe que sou doudo, que desprezo
Opulentas heranças; que inflexivel
Com semblante sereno, e socegado,

Não me cansa soffrer a mão pezada
Da fome e da penuria ; não me espanta
A carregada nuvem da Desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.
Nem sonho com Perdizes, nem Lampreias;
Com mui pouco se calão meus desejos:
A males sempre affeito, não se accende
Na torpe fantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados, quintas, beneficios,
Promessas, e presentes póde hum velho
O curvo anzol cevar, para pescar-me.
O peixe já sangrado desconfia,
Se vê surdir a isca á tôna da agua.
Eu que o trapo mordia, e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta,
Nunca mais cahirei em esparrellas.
Antes quero jazer na estreita lapa,
Que embrulhado ficar em negras redes.

Mas para que Poeta não me chames,
Quero o ponto explicar-te; attento escuta.
Na quelles priscos tempos que fallavão
Os animaes, as arvores, as pedras;
O cerval Lobo a cálida Raposa,
Em Juizo accusava, e lhe pedia
Restituição do furto que fizera:
Hum Mono petulante, mas sizudo,
Era o Juiz, que as partes escutava;
E lançando a sentença, disse ao Lobo:
Não julgo que te falte o que tu pedes;
Porém creio, ó Raposa, que roubaste
O que negas com tanta subtileza.
Esta Fábula, Amigo, nos ensina,
Que quem mente por genio, e por costume,
Quando diz a verdade, não he crido.
Agora applica o conto; e lá comtigo
Péza bem as razões, as vans promessas
Com que hum astuto Velho marralheiro

(Até que leste Tacito, e Comines)
Te fez estar quieto, e allucinado,
Tirando-te por arte de Berliques,
Do nariz cascaveis, fitas da boca.
O prazo de Valdeste são os filtros
Com que esta Circe torna em Leões fulvos,
Em sedeudos Pórcos grunhidores
Do sabio Grego os fortes companheiros,
Que em falsas apparencias embebidos,
Entrão nos Paços da famosa Bruxa.
Não julgues tão boçal este moléque,
Que saia da cenzala por missanga.
Ao Minho passarei, se tu quizeres,
Nos altos tectos, onde já brilhárão
Preciosos rubins a agazalhar-me;
E sem mais esperança, que o desejo
De ver-te, de tratar-te, e de passarmos
Bocejando a miudo as frias noites
Do enregelado Inverno, que já chega,

A' roda da fogueira aqueceremos
As engelhadas mãos ; d' entre o brazido,
Saltando as rebordans , que na deveza
O Domingos colheo inda orvalhadas.
Alli te contarei como em Lisboa
Se dourão os Carrinhos sem dinheiro ;
Como tufa o José ; como o Lourenço ,
Que Duque foi *no pateo*, *Conde em Cintra* ,
A gora se vai pôr a Chapeleiro ;
E a pállida infeliz Sebastiana
Condemnada a torcer negras prezilhas :
E se disto me ouvires , te enfadasses ,
Tangendo a doce Lyra em brando verso ,
Mil hymnos cantaria á tua Laura ,
A Tia Catharina , Dulcinea ,
Por quem vences Chymeras , e Gigantes.
E tomando no lar hum carvão liso ,
Te pintára o retrato na parede
Daquelles olhos onde tu suspiras ,

Por quem vives, e morres de saudade.
Que facil he sonhar felicidades!
Tu já rico me crês; eu já supponho,
Agora que te escrevo, e que te fallo:
Mas esta Scena subito se muda;
O Chico mostra rotos os çapatos;
Huma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nadegas dinheiro para a ceia;
A' porta está batendo o Alfaiate.
Se alguem aos cães lançou os *patrios ossos*;
Se foi traidor á Patria, se he falsario,
Seja lançado afilhos, e crédores.

FALLA

Do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar huma Estatua pelo seu bom governo, o que elle não consentio.

NÃo, Lusitano povo, eu não consinto
Que Estatua ao meu Nome se dedique:
O amor da Patria, o zelo da Justiça,
Não sêde de mandar, ou da vangloria,
Me fez tomar as redeas do governo:
Se fui clemente, justiceiro, ou pio,
Obrei o que devia. Hé mui pezada
A sujeição do Sceptro; e quem domina
Não tem a seu arbitrio as Leis sagradas:
Fiel executor deve cumprillas;
Mas não póde alterallas. He o Throno

Cadeira da Justiça: quem se assenta
Em tão alto lugar, fica sujeito
A' mais severa lei; perde a vontade;
Qualquer descuido chega a ser enorme,
Detestavel, sacrilego delicto!
Quando no horizonte o Sol espalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguem a admira, todos o conhecem;
Mas se eclipsado acaso se perturba,
Nesse instante infeliz todos se assustão;
Todos o observão, todos o receião.
Logo se premiei sempre a virtude,
Se os Vicios castiguei, nada mereço.
E não queirais, Vassallos generosos,
Lisonjeiros tentar minha constancia,
Honrosa Estatua pertendendo erguer-me
Porque bem vos regí; pois eu não devo
Condescender comvosco: infamaria
Da alta Virtude as maximas constantes,

Com que austéro emprendi do Regio Throno,
O acesso defender aos vicios torpes:
Se delle affugentei sempre a Mentira,
A Lisonja infiel, o astuto Engano;
Não queiraes offuscar minha memoria,
Provocando-me a collocar no Solio
Hum injurioso exemplo da vaidade,
Hum padrão da lisonja. A fama illustre
Deve durar na tradição intacta,
Sem a nota de fragil. Fôra ímpropria
A gloria que me dais, se nessa Estatua
Descobrissem os Seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
Vós mesmos, vossos filhos, vossos netos,
De tão clara doutrina convencidos,
Ou do tempo melhor aconselhados,
A mesma Estatua, que quereis attentos,
Agradecidos hoje levantar-me,
A' manhã se veria derribada

Em pedaços jazer: com páos, e pedras
Os olhos lhe tirarem; que a Fortuna
Ligada co' a Inveja, e co' a Soberba
Não deixa durar muito os Elogios.
Porém se vós, Illustres Portuguezes,
Desejais conservar meu Nome eterno;
Não he preciso o Marmore soberbo,
Basta-me a tradição de pais a filhos,
Com fiel saudade transmittida.
Este o Jaspe, este o Bronze, em que pertendo
O meu Nome esculpir: chegue aos vindouros,
Sem perder o caracter, que o fez grande:
Lembre-se o benemerito do premio;
Recorde-se o culpado do castigo;
Todo o Reino do público descanço,
Em florente commercio, em paz segura.
Mas haja quem se lembre deste caso,
E quem diga, que rejeitei modesto
As honras de huma Estatua; e que estas honras

Quem chega com justiça a merecellas,
Tambem sabe atrever-se a desprezallas.
Acabou de fallar; e os circumstantes
Immóveis, e calados parecião
Outras tantas Estatuas dedicadas
A' regencia feliz do sabio Infante,

A' feliz Acclamação de Senhor Rei D. José I. de gloriosa memoria.

ROMANCE

HENDECASYLLABO.

SUbi, Senhor, ao Throno Lusitano
A restaurar a perda de hum Monarca,
Que chora Portugal, para que seja
Allivio da saudade a semelhança.

Acceitai os obsequios da lealdade,
Que o Reino vos tributa, e vos consagra,
E em reciprocos votos a ventura
Illumine de amor a nobre chamma.

Arda nos corações, que a augusta idéa
Das heroicas virtudes nos abraza,
Debuxando o Prototypo dos cultos
A imagem da Justiça, que se exalta.

Acclama, Lysia, o Numen respeitado,
Que a Regia successão o Sceptro chama:
Oução medrosas nos remotos Climas
O Augusto Nome, as Nações estranhas.

Asia rica, theatro das victorias,
Que o Luso esforço consagrou á Fama,
Nas ribeiras do Ganges fertiliza
Para novas conquistas, novas Palmas.

Nas entranhas da America opulenta,
Ao brilhante metal, Delfica chamma,
Para Diademas vos formar eternos,
Vivifique em presiosas abundancias.

Na barbara região de Africa adusta
Temerosa a ousadia Mauritana
Veja eclipsar as luas dos turbantes,
A ruina que o Téjo lhe prepara.

Os écos bastarão do vosso Nome,
Para que Europa toda attenta, e sabia
Na construcção do estatico socego
De Portugal respeite as allianças.

Moderem os impulsos da piedade
Das Justas Leis a execução sagrada,
Sem que a justiça ao merito se negue,
Sem que o delicto indomito se faça.

Na disciplina militar se ensaia
O Luso braço, que empunhando a espada
Será nobre terror dos inimigos,
Será da Patria invicta segurança.

Na protecção das letras felizmente,
Do vosso influxo a erudição renasça:
Os Virgilios, os Tullios se descubrão,
Que atégora Lisboa occulta avara.

Doutas maximas, Ethicas doutrinas,
Ministros sejão das acções preclaras,
Que entre os mysterios da razão de Estado
Hão de mover as bellicas campanhas.

Em fim, Senhor, a gloria Portugueza,
Que Europa admira, que respeita a Asia,
Torna a brilhar nos ambitos do Mundo,
Donde o Sol morre, aonde a Aurora raia.

Vivei feliz, e governai glorioso,
Do Mundo espanto, admiração da Patria,
Ostentem para assombro do futuro
O ouro Lemas, os pórfidos Estatuas.

Vivei, reinai; o Tempo vos respeite
Ou absorto, ou rendido, em quanto a Fama
No Templo da Memoria vos desenha
Eternos bustos, inclitas medalhas.

MOTE.

Marte, faze-te da moda,
E teus temores desterra,
Que os Soldados desta Era
Trazem por moda huma róca.

GLOSA.

SE queres ser namorado
Da moça mais presumida,
Deixa de Paizano a vida,
Senta praça de Soldado:
Traze chapéo cerceado,
Espadada a testa toda,
Casaca com pouca roda,
Nunca dinheiro comtigo;
Pois he moda tal castigo,
Marte, faze-te da moda.

Não temas a reluzente
Sanguinosa espada fria ;
O pelouro, que assobia,
E que mata de repente :
Nem petardo, que estridente
A' dura porta se afferra :
Busca o desprezo da guerra
Com torvo irado semblamte,
Faze-te forte chibante,
E teus temores desterra.

Com retorcidos bigodes
Os antigos Cassuletes,
Sem rabichos, nem topétes
Trezandavão mais que bodes.
Marte, da moda bem podes
A róca brandindo fera
Mostrar, que não foi nem era
Gente de tanto valor
Para batalhas melhor,
Que os Soldados desta Era.

Inda que a róca se ponha
Como carócha aos poltrões,
Hoje seiscentos Roldões
Não tem da róca vergonha.
Empestados desta ronha,
Que trouxe moda tão louca,
Fazendo aos rapazes cóca
Em trajes de Cruz-Diabo,
Nos mostrão por moda o rabo,
Trazem por moda huma róca.

MOTE.

De que me serve o querer-te,
Nem tam pouco idolatrar-te?
Sujeitar-me a teus preceitos,
E vir outrem á lograr-te?

GLOSA.

DE que me servem gemidos
Ao Ceo vãmente espalhados?
Se a meus rogos magoados
Cerras, Marilia, os ouvidos?
Se mil extremos perdidos,
Perdidos só por mover-te
Chegão, Cruel, a offender-te:
Se nada em fim me desculpa,
Antes, o querer-te he culpa,
De que me serve o querer-te?

De que me serve? Que vale,
Que o pranto meu pezaroso,
Qual ribeiro caudaloso
As duras penhas abale?
Grite, murmure, ou me cale,
Nada chega a magoar-te:
Quem he que póde abrandar-te?
Se para, ingrata, mover-te
De nada serve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te.

Cudei que viver atado
Ao grilhão da tyrannia,
Em compaixão trocaria
Tão estranho desagrado.
Vejo-me desenganado;
Vejo em lagrimas desfeitos
Meus olhos, que tão sujeitos
Teu duro imperio rendeo;
Nada, Marilia, valeo
Sujeitar-me a teus preceitos.

Mas he tal o meu tormento,
Que heide com gosto soffrello;
Pois imaginar perdello
Inda he maior sentimento.
Não, Marilia, o pensamento
Não sabe deixar de amar-te;
Antes escolhe encontrar-te
Sempre ingrata, sempre esquiva,
Que ver-te em fim compassiva,
E vir outrem a logar-te.

MOTE.

Tudo faz o Padre Aontnio.

GLOSAS.

I.

A Negra Melancolia
Com os olhos no chão póstos,
Suspiros, pranto, e desgostos
Sobre os mortaes diffundia:
Quando a rizonha Alegria
Apparece a tempo idonio,
E como o brando Favonio
Dissipa a nuvem do pranto;
Mas tornar em doce canto
Tudo faz o Padre Antonio

II.

Tu fazes, Delfim sonoro,
Mudar em consolações
As penosas afflicções
Com o instrumento canoro:
Fazes que do Pindo o coro
Por ti deixe o lago Aonio;
Fazes descer do Telonio,
Por te ouvir o Deos Luzente,
E tu fazes .... Finalmente
Tudo faz o Padre Antonio.

CANTIGAS.

DO campo de Rio-frio
Já vierão os Soldados,
Trazem os corações de bronze
Em dura guerra ensaiados.

Ferozes, e carniceiros,
Arrastão duros Canhões,
Ameaçando ruinas,
Incendios, robos, traições.

Com pifaros, e tambores
Nos atroão os ouvidos:
Os fundos valles, os montes
Gemem do estrondo feridos.

As bandeiras de Cupido
Desamparárão traidores,
De linhas, e batarias
Se espantárão os Amores.

De improviso se levantão
As brancas azas abrindo;
Ora nos áres suspensos,
Ora ás estrellas subindo.

As settas, que lhe cahírão
Ficão no campo pizadas,
Rotos os sonoros arcos,
As vendas despedaçadas.

Successo tão lastimoso
Andão as moças carpindo;
Soltos os louros cabellos,
Descorado o rosto lindo;

Nas curvas margens do Téjo,
Que lambe a crespa corrente,
Para onde fugio Amor
Perguntão tristes á gente.

Pelos asperos outeiros,
Com seu pranto rociados,
Humas bradão por Cupido,
Outras praguejão Soldados.

A seus férvidos gemidos,
O pobre não lhe responde;
Antes com pânico medo
Até das Moças se esconde.

Teme, que até nos Paizanos,
Galharda gente mimosa!
Se atêe o fogo voraz
Da feia guerra estrondosa.

Nunca mais com brando rôgo,
Com reciprocos suspiros,
Sujeitará corações
A seus laços, a seus tiros.

Fugio Amor, escondeo-se,
Levou comsigo a alegria:
Murchárão-se as lindas flores,
Apagou-se a luz do dia.

Mas quem quizer saber onde
Escondido Amor está,
Venha ver de Lylia os olhos,
As fréchas de Amor verá.

Ah! Fecha, Lylia, teus olhos,
Não deixes sahir Amor,
Em quanto ouvires das armas
O desabrido fragor.

Espera que a Paz dourada
Tomando ao cóllo os Amores,
Com os cucáres dos Elmos
Empennem seus passadores.

Deixa, que ardidos Ginetes
Rompendo os campos talados,
Em vez de bellicos Sagres,
Arrastem curvos arados.

Então á sombra dos ramos,
Que estende o Carvalho annoso,
A casta Pomba arrulando
Chamará o fido Esposo.

Então co'a frauta sonora
Modulando em desafio,
O teu nome ensinarei
A's mansas aguas do rio.

ENDECHAS

A DUO.

Pastora. QUem amor não tem,
Não tem coração,
De branda affeição
Alma se mantem.

Pastor. Mas quem amor tem
Serve á crueldade,
E da liberdade,
Não conhece o bem.

Pastora. De dous corações
Reciprocas dores
Dos gentís Amores
São arco, e farpões.

Pastor. O lindo volver
D' huns olhos rendidos
Em peitos feridos
Derrama o prazer.

Pastora. Deseja dizer
Balando o Cordeiro
No valle, no outeiro,
Que sabe querer.

Pastor. O pégo do mar
A praia nas fragas,
Quebrando mil vagas
A vem abraçar.

Pastora. Que bom fora Amor
Se fora leal;
Mas he grande mal,
Que seja traidor.

Pastor. Se em Amor não ha
Singelas tenções ;
De enganos, traições
Quem não fugirá ?

Pastora. Bem posso mostrar
Quem te ama fiel.
Pastor. De quem he cruel,
Que devo esperar ?

Pastora. Se me amas, Pastor,
Sou fida Pastora.
Pastor. Se não es traidora,
Já creio em Amor.

Ambos. Que doce prazer
Não sente quem ama :
Pastora. Tão suave chamma
Deixemo-la arder.

ENDECHAS.

EM mil agonias
Cercado de abrolhos
As noites, os dias
Me deixão Licoris.
Depois que teus olhos
Os meus cativárão,
E me sujeitarão
A tanto rigor.

Se tratas assim
Com tal tynnania,
Quem por ti se inflamma
A quem te não ama,
Que mais lhe faria
O teu desamor?

CANTIGA.

Cuidava que Briolanja
Era branda, como bella,
Cuidava que era Marmanja,
Mais tenra do que Vitella.

Mas ai, ai, ai,
Ella he cem vezes,
E cem mil vezes
Muito mais dura,
Que onça esfaimaida,
Loba malvada,
Que na espessura
Degolla as rezes.

THEATRO
NOVO.
DRAMA.

ACTORES.

APRIGIO FAFES, *Pai de Aldonsa, e Branca.*

ALDONSA. }
BRANCA. } *Filhas de Aprigio Fafes.*

ARTUR BIGODES, *Mineiro, e Compadre de Aprigio.*

JOFRE GAVINO, *Musico, e Mestre de Aldonsa.*

INIGO, *Actor.*

BRAZ LICENCIADO.

MONSIEUR ARNALDO, *Architecto.*

DOUTOR GIL LEINEL, *Poetà.*

SCENA I.

Aprigio, Aldonsa, e Branca.

Aprigio.

MIl vezes, Filhas, já vos tenho dito,
Que noite, e dia penso, e que repenso
Em estado vos dar: o Ceo bem sabe,
E bem o sabeis vós, quanto o desejo;
Mas o tempo correo-me tão avesso,
Táo contrario ás magníficas idéas,
Que não acho hum Piûga a quem se possa
Empurrar huma Filha, sem mais dote
Que seus olhos azues, louros cabellos.

Aldonsa.

Solteiras, e comtigo viviremos
Honradas, e contentes.

Aprigio.

Caras Filha;
Este emprego de Zangano, que tenho,
Com a aleunha de Corretor dourado,
De todo deo em droga, está perdido:
A cada canto hum Myrra tópa a gente,
Tão casado co' a burra, e tão cioso
Dos lacrados cartuxos, que primeiro
Calado deixará vasar-lhe hum olho,
Que pregar-lhe hum callote: não se atreve
A bulir nos dobrões: dos proprios dedos
Desconfia, e se doe: os chicos guarda
Quaes medalhas dos Cesares antigos.

Branca.

Inda, meu Pai, te não pedimos dote;
Deixa correr o tempo, casaremos.

Aprigio.

Algum dia (que tempo venturoso)!
De lá de cima vinhão a cardumes
Escudeiros Serriz, rolhos Morgados,
Com Solares no concavo da Lua;
Pousavão na Bitesga, ou no Cachimbo,
E mandavão chamar-me logo, logo
Por hum lacaio, ou pagem de polainas:
O bizonho Jangaz me descobria
O fraco de seu amo: eu lhe levava
Relogios, espadins, outras misangas:
Tudo o boçal Jalôfo cobiçava;
Gato por lebre: eu mesmo vi hum destes
Por trez dobras pagar huma pintura

Do Zeuxis do Castello ; e mui sisudo
Jurar que era o painel de Ticiano:
Mas tudo o tempo gasta, tudo leva.

Aldonsa.

Hoje os mesmos caloiros são ladinos.

Branca.

Capazes de lograr-nos.

Aprigio.

Porém, Filhas,
Quando mais desatados rijos ventos
Pela breada enxarcia silvão, quando
O mar no fundo muge, então nos tópes
Apparece Santelmo aos navegantes.
Descoberto já tenho outro caminho
De em breve enriquecer, e de casar-vos:
A justei huma nova Companhia

De Comicos, e Musicos chapados,
Por via de teu Mestre, minha Aldonsa,
Do bom Jofre Gavino: tambem nella
Inigo quer entrar: esta noticia
Bem creio, Branca, não te desagrada,
Para a despeza do Theatro novo
O dinheiro me empresta meu Compadre
O grande Artur Bigodes, que na frota
Veio ha pouco do Rio; e vem potente,
Traz infindo dinheiro, Papagaios,
Araras, e Bugios; traz mil couzas.

Aldonsa.

Bom proveito lhe faça: e que tiramos
De rico, ou pobre vir hum avarento?

Aprigio.

O bico tem revôlto; mas podemos
O vélo tosquiar-lhe com bom geito:

Finge tu, minha Aldonsa que lhe queres;
Chora, suspira, ri-te, a mão lhe beija,
Expõe-lhe o desamparo em que ficaste,
E tua irmã, por morte de Mafalda,
Boa Mãi de vossês, delle Comadre.

Aldonsa.

Triste empreza, meu Pai! E na verdade
Que fingir-me não sei; mas quando saiba,
Hum velho tão sagaz, e tão matreiro
Não cai em esparrelas.

Aprigio.

Velhos, moços,
Em todos igualmente se descobrem
As tyrannas paixões, a pouca força
Da pobre natureza.

Aldonsa.

De que modo
Posso vencer o natural antojo,
Que me domina, em vendo arregalados
D' um velho destes, os sumidos olhos?

Branca.

Antes, querida Mana, nada custa
Enganallos, rendellos; que esta gente
Com pouco se contenta: hum leve riso,
Qualquer agrado os enche de vaidade.

Aprigio.

Tu, Branca, es minha filha; tu sahiste
A tua Mãi, sigana refinada,
Que as almas attrahia: era esta casa,
Em quanto viva foi, era huma Corte;
Grandes, pequenos, todos aqui vinhão

Beijar a pedra d'Ara; as carruagens
Não cabião na rua: mal entravão
Huns, outros já sahião. Que Matrona!
Sempre te carpirei, alma ditosa,
Honra, e gloria dos Fafes! Porém, filhas,
Quem morreo, já morreo, nós que ficamos,
Façamos por viver; e não se vive
Sem a fome matar.

Aldonsa.

Sim, mas a Mana
Sabe contrafazer-se, que eu não posso.

Aprigio.

Aldonsa, Aldonsa, que resposta he essa?
Assim pagas o amor com que te trato?

Branca.

Meu Pai, a Mana zomba; descansado
Podes cuidar no mais, que o velho he nosso.

Aprigio.

Aldonsa, filha minha, ao velho, ao velho,
Se allívio queres dar a hum Pai cansado,
Que tanto bem te quer, e que deseja
Ver-te casada c'um Senhor de terras,
Rodando pelas ruas de Lisboa
Em dourado carrinho, inda que berre
O triste Corrieiro, que bom homem
Acredictou a labia do Morgado:
Mas vão vossês compôr-se, e vão vestir-se,
Para mais engodallo. Ei-lo que chega:
Vão-se, que logo as chamo.

SCENA II.

Artur, e Aprigio.

Aprigio.

MEu Compadre,
Cuidei que já não vinhas.

Artur.

Essa he boa!
Eu sou Pilatos; o que digo, digo;
Pão, pão, queijo por queijo: Artur Bigodes
Tem palavra de Inglez.

Aprigio.

Assás conheço
O muito que te devo: e que me dizes
Do projecto de que tratámos hontem?

Artur.

Amigo, amigo Fafes, o negocio
Seus laivos tem de jogo; quasi sempre
Vale mais a fortuna, que a sciencia:
O coração presago, he o Piloto
Com que se arroja ao mar quem Deos ajuda:
Ha delgado Chatim, que mal entende
Que dous, e tres são sinco, e sempre ganha,
Ou no contrato lance, ou na commenda:
E quantos vemos nós com Guarda-livros,
Com seiscentos caixeiros zigues-zigues,
Dar c' os bodes na arêa; e nas esquinas
O bom nome servir-lhes de Epitafio!
Mas deixando preambulos, approvo
A idéa do Theatro, he bom projecto,
O ponto só consiste em desbancarmos
O da rua do Conde, e Bairro alto.

Aprigio.

Senhor Artur Bigodes, meu Compadre,
Quem tem tão bom amigo, não duvída
De abalançar-se á mais custosa empreza:
Este meu tal, e qual pouco bestunto,
O trago prenhe sempre, e recheado
De soberbas idéias; mas não tinha
Calor bastante na myrrada bolsa,
Para o braço chegar a executallas.
O Ceo bem sabe, quantas vezes quantas,
Vociferando, disse: Em hora infausta,
Por longos máres, d' entre nós fugindo,
Se ausentou meu Compadre Artur Bigodes;
Coração de Alexandre, farto amigo,
Pé de Boi Portuguez; mal empregado
Nos desertos Certões dessas Arabias,
Entre gente boçal, entre bugios!

Artur.

Manso, fiel amigo, essas lisonjas,
Carapuça não são desta cabeça;
Sou amigo, e Compadre; isto me basta;
Faço o que devo: vamos adiante.

Aprigio.

Tanto que a Frota veio, huma alma nova
Senti pular no peito; a fantasia
Entrou a erguer palacios, e castellos:
Vi Dragos, Serpes vi: quando sonhava,
Vologeso, e Catão me appareciáo
Com punhaes, e cadêas: acordava
Aturdido de caixas, e trombetas:
Estes e outros projectos me inspirarão
A idéa de hum Theatro: eu sempre tive
Bom dedo para a cousa: fiz marmotas;
Varias Famas vestí, e Cruzdiabos
Para os Cirios do Cabo, e d' Atalaia.

Artur.

O dinheiro está promto, agora falta
Quem nos arme a charola.

Aprigio.

Caro amigo,
A teu arbitrio entrego, e deixo tudo.

Artur.

A mim, Aprigio? Fóra; não sou desses,
Que emprestando dinheiro com usura,
Dão mil regras depois de economia
Ao pobre padecente; que corrido,
Como cão com funil atado ao rabo,
Vai ladrando, e fogindo á surriáda.

Aprigio.

Sempre graça tiveste: apalavrados

Alguns sujeitos tenho intelligentes,
Architecto, Poeta, bons Actores,
Hum Musico chapado; e para Damas
As minha duas filhas, Branca, e Aldonsa;
Ambas filhas de peixe, ambas formosas.

Artur.

Pois isso he ouro sobre azul; que o povo
Ou dorme, ou ri, se vê huma Tapuia
Arrancando suspiros emprestados,
Torcer os vesgos olhos, e mostrar-nos,
A brindo a negra boca, que he cerrada.
Eu empresto o dinheiro; mas declaro,
Que isto se entende em quanto as Damas forem
Engraçadas, formosas, e bem feitas;
Que para vir gastallo com serpentes
Não o ganhei, passando tantos dias
Por duros môrros, por incultas fragas;
Talvez comendo carne de Macacos.

Aprigio.

Basta, Compadre, basta; as minha filhas
Muito bem sabes como são galantes;
Aldonsa ha de fazer primeira Dama;
Branca, a segunda: tu verás pendentes
De seus travessos olhos todo o povo:
Tantos os corações, tantas as Troias,
Em amoroso incendio chammejando:
Tu mesmo, meu Compadre, sem remedio,
A pezar dessas cans, embaraçado
Has de sentir-te na Vulcanea rede.

Artur.

Eu não sou tão sizudo, nem tão velho,
Que viva por demais; em fim, sou homem;
Nem tive nunca coração de pedra;
E pouco bastará para mover-me;
Muito mais as paixões, que docemente
Os animos revolvem.

Aprigio.

Ora vou-me
Chamar a nossa gente, para vermos
Em que alturas estamos: entre tanto
Te chamo as raparigas, Branca? Branca?
Aldonsa? Venhão cá. A Deos, Compadre. *Vai-se.*

SCENA III.

Aldonsa, Branca, e Artur.

Artur.

COmo formosa vens, Aldonsa bella!
Em teus olho fuzila a luz dos Astros:
Ao menos deste Mundo cá de dentro,
Es tu o claro Sol, tu es a Aurora.
Oh quanto, filha minha; (sim, que filha
Bem te posso chamar) oh quanto sinto

Que os annos me roubassem todo o lustre
Da fresca mocidade! Que os invernos,
Nesta gelada estriga convertessem
A brilhante madeixa; que algum dia,
Dourados caracóes por estes hombros
Ao Zefiro entregava! Oh se eu pudesse
Banhar-me no Jordão, e remoçando
Dar-te hum gentil mancebo por marido!

Aldonsa.

Sempre brincando vem o meu Padrinho.

Branca.

Senhor Artur Bigodes, como passa?

Artur.

Mui bem, Senhora Branca. Ouves, Aldonsa?
Eu não brinco, antes fallo bem de véras.

Branca.

Pois a mana, Senhor, essa não zomba:
Noite, e dia conversa em seu padrinho;
Não falla n' outra cousa: quantas vezes
Se á porta batem, vai correndo á porta;
E porque dá com outro, do semblante
A cor lhe amarellece; e recuando,
Sobresaltada, diz, que não he elle.

Artur.

Quão feliz, minha Branca, e quão ditoso
Se isto verdade fora, me julgára!
Inda porém Aldonsa mo não disse
Para tão facil ser, que me arreganhe.
Que dizes, bella Aldonsa: aquillo he certo?

Aldonsa.

A mana não te engana, nem te mente:
Mas se te adoro, deverei dizello?

Artur.

Deverás, deverás, que essa innocente
Suave inclinação em nada offende
A' modestia, o decóro; inda que custa
A' moça mais amante o confessallo,
Posto que honesto fim lho approve, e doure.

Aldonsa.

Pois vive descançado que te quero.

Branca.

Eu dou-lhe os parabens, Senhor Bigodes.

Artur.

Eu os acceito, Branca. Minha Aldonsa,
Que nunca me enganei com os teus olhos,
Agora chego a ver; nelles ao longe
Muito ha que descobri hum brando gesto,
Que n'alma me bulia; mas atado
Ao pezado trambolho de meus annos,
Lutando afflicto com setenta Invernos,
Por mais que ardião fervidos desejos,
Capazes de animar a fria pedra,
Tiritando com medo, enregelava:
Porque hũ homem q'he serio, e q'he prudente,
Antes se humilha a parecer covarde,
Que levar na bochecha huma apupada
Destas rascoas de hoje, presumidas,
Que buscão Tamorlões, Imperadores,
Franchinotes, Casquilhos, e Poetas,
Para ao depois berrarem com ciumes,

Sem achar cabeções com que os subjugem:
Tu es, Aldonsa, a excepção da regra,
Amavel, linda, candida, innocente;
Qual rosa pudibunda em manhã fresca,
Que da rustica mão do Jardineiro
Deixa talhar o pé, deixa colher-se.

Aldonsa.

Tão estranhos, tão grandes elogios
Não chego a merecer; antes conheço
Que a maior parte da fortuna he minha:
Huma pobre Donzella, sem mais dote,
Que seu singelo amor, em nossos dias
Mui pouco, ou nada vale: sem riqueza
Quem soffre a formosura? Sãos costumes,
Honrado sangue, angelico semblante,
Não namorão os Noivos deste tempo.

Branca.

Maior favor te faz o teu Padrinho.

Aldonsa.

Assim, mana, o confesso, assim lho digo.

SCENA IV.

Aprigio, Jofre, Inigo,
e os mesmos.

Aprigio.

AQui trago, Compadre, estes Senhores,
Ambos hum *non plus ultra* do Theatro:
São Musicos, Actores, Dançarinos,

Grandes Poetas; tudo ao mesmo tempo:
São dous tomos de rara miscelania.
Em ambos quiz mostrar a Natureza,
Que sabia fazer huma obra prima.
O Senhor Jofre, quando as arias canta
As almas arripia; calla os ventos.
Pois o mancebo cá, o meu Inigo!
Este vivo Bemól, este magano,
Nos lances amorosos, he hum pasmo!

Artur.

Ambos, bem me parecem: gentís moços!

Jofre.

Sou antigo criado desta casa,
E Mestre da Senhora Dona Aldonsa;
Por tão honrado titulo me julgo
Merecedor de grandes elogios.

Artur.

Logo o Mestre sahio o mais esbelto!

Inigo.

Eu não posso allegar antiguidades;
Mas vou tambem na folha: Venturoso,
Se de applauso, e favor me vejo digno,
A pezar de não ter merecimento.

Artur.

Ambos discretos são.

Aprigio.

Mas que discretos!
São os melhores Ciceros da Corte,
Capazes de prégar! Aqui o Amigo,
Hum Drama já compoz: logo o veremos.

Inigo.

Dize-me, Branca, que Affonsinho he este?

Branca.

He Padrinho da mana.

Artur.

O Senhor Jofre,
Quanto tempo ha q'ensina nesta casa?

Jofre.

Ha já tres annos, pouco mais, ou menos.

Artur.

Com que tres annos ha, que nesta casa
Tem entrada o Senhor!

Aprigio.

Ai, meu Compadre,
Tu cuidas q'inda tão alarves somos,
Como no tempo em que daqui te foste?
Já lá vão os biôcos Portuguezes,
Mourisca usança, barbaro ciume,
Que huma pobre mulher afferrolhava,
Quaes se guardão freneticos orates:
Ha gente mais feliz! Outros costumes
Adoptou a Nação, abrio os olhos.

Artur.

Eu cuido que os tapou.

Branca.

Que rabugento!

Jofre.

A Deos Senhor Aprigio.

Aldonsa.

Espera, Jofre.

Jofre.

Que espere! Para que?

Aprigio.

Para tratarmos
Deste novo Theatro.

Jofre.

Que Theatro!
Com este prégador, mandas chamar-me
Para ouvir a missão de hum Carióca?

Artur.

Olhem lá se se dóe da matadura.

Inigo.

Não desesperes, Jofre; tem prudencia.

SCENA V.

Gil, e os mesmos.

Gil.

SEnhor Aprigio Fafes, aqui venho
Cumprir as suas ordens.

Aprigio.

Caro Amigo,
Homero Portuguez, Pindaro nosso,
Já cá te suspirava: vem comtigo
As Musas, vem as Graças.

Gil.

Basta, basta:
Não estamos nós-outros os Poetas
A fartos elogios costumados:
Os mesmos que nos pedem hum Soneto
Para render a dama desdenhosa,
Ou os annos louvar de huma Abbadessa;
Depois de ter campado por discreto
A' custa de hum Poeta, sem vergonha,
Jurão, que são huns doudos os Poetas.

SCENA VI.

Braz, Monsieur Arnaldo, e os ditos.

Braz.

AMigo Aprigio Fafes, aqui trago

Monsieur Arnaldo, pratico Architecto
O Pozzi, Paradossi, e Bibiena
Traz alli no emicraneo; a Perspectiva
Na pineal lhe vellica com tal força,
Que em cada pulsação da traca-arteria,
Hum Theatro magnífico levanta.

Aprigio.

Viva, viva Senhor Arnaldo: Agora
Que estamos *todos juntos comecemos*
A nossa conferencia: venha a banca:
Vossês não ouvem? Tragão mais cadeiras.

Artur.

Quero que apar de mim se assente Aldonsa.

Branca.

Queres q'eu fique cá de outra branda? *Para Inigo.*

Jofre.

Para bem, para bem, Senhora Aldonsa.

Aldonsa.

Se tu souberas, Jofre. . . . .

Jofre.

Bem entendo.

Inigo.

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

Branca.

Velho, e relho.

Aprigio.

Sentemo-nos, Senhores:
Que grave Tribunal! Que magestoso!

Mal sabe o Mundo agora, que pendente
Deste conclave está o seu destino.
Oh quanto, amada Patria, quanto deves
A teu bom Cidadão Aprigio Fafes,
Suando, e tressuando por salvar-te
Do pélago profundo da Ignorancia,
Onde pobre jazias, atolada
Entre pessimos Dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te sáco,
Qual sáca o Gandaeiro hum *prégo torto*
D'entre os chichelos velhos da enxurrada.

Gil.

Senhor Aprigio Fafes, isto he tarde,
E eu tenho que fazer: vamos ao ponto.

Aprigio.

Sim, Senhor, sim Senhor: o caso he este:
E bem o sabeis vós, ha quanto tempo

Que eu desejo *fundar hum bom Theatro*:
Agora que a Fortuna me depara
Feliz occasião de executallo
Com o favor, alli, de meu Compadre,
He preciso ajuntar a sarabanda,
Repartir os papeis, escolher obra,
As vistas idear, e celebrarmos
Com solemne escritura este contrato.

Gil.

Senhor Aprio Fafes, o Theatro
Depende, mais que tudo, do Poeta:
Que fazem bastidores, e instrumentos
Sem Dramas regulares? Huma boa,
E perfeita Tragedia, inda despida
Da magnífica pompa do aparato,
Tem mais graça, e mais força, q' hũ máo Drama
No Theatro de Reggio, ou de Veneza,
Com soberbas tramoias recitado.

Jofre.

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
O constante poder da Poesia:
Mas quem ha de soffrer Catão, ou Dido
Do grande Metastasio, repetido
Entre velhas cortinas, sem orchesta?

Aprigio.

Nada, nada, Senhores; desse modo
Aqui nos amanhece: todos juntos
Não podemos fallar: irá votando
Por turno cada qual quando lhe toque.
Continúa, meu Gil; dize o que entendes.

Gil.

Errado vai, quem julga que o Thatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos poetas foi achado.

Com mais alto designio, Athenas, Roma,
E outras Cidades mil, o recebêrão:
Póde nelle ensinar-se á Mocidade
Guardar as santas Leis; a fé devida
A' cara Patría, ao Principe, aos Amigos:
Póde nelle mostrar-se quanto he feio
O pállido semblante da Cobiça;
Da Avareza infeliz; da Triste Inveja:
Mas para recolher tão grande fruto
He necessario, Aprigio, que o Poeta
Em sizuda dicção, em frace nobre,
Com sonoroso verso torneado,
Exponha ao povo fábulas sublimes,
Tragedias, ou Comedias regulares.
Daqui venho a tirar, que no Theatro
Não devemos soffrer Drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D' affeminada Musica moderna,
Na remendada frase de mil vozes

Barbaras, ou guindadas ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta manía:
Restauremos o Portuguez Theatro,
Desaggravando a casta lingua nossa
Dos aleives, que sem razão lhe assacão.

Aprigio.

Viva o Doutor Leinel, Doutor das Gentes:
Quem me dera q' o bom Goldoni ouvisse
Como ronca hum Poeta de Lisboa!
Agora falla Braz Licenciado.

Braz.

Eu que posso dizer? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se disse.
Que proveito tiramos em metter-nos
No principio em camiza de onze varas?
Tragedia he couza que ninguem atura:
Quem ao Theatro vem, vem divertir-se,

Quer rir, e não chorar; lá vai o tempo
De lagrimas comprar ás Carpideiras:
Não faltão boas Operas, Comedias
Em Francez, Italiano, em outras linguas,
Que póde traduzir qualque pessoa,
Com enredo mais comico; que o povo,
Só se agrada de lances sobre lances:
Quem isto não fizer, já mais espere
Que o povo diga *bravo*, e dè palmadas.
He o voto que dou.

Aprigio.

Optimamente.
Arnaldo, agora vota.

Arnaldo.

Meus Senhores,
Venho ajustar o preço do Theatro;
Com Dramas não me metto: os Bastidores

He só o que me toca. Porém digo,
Que regular Tragedia nas Italias
Muito ha que se não usa; que a mudança
De Vistas sobre Vistas; as tramoias,
Máres, incendios, Dragos, e batalhas,
São couzas deque o povo se namora.
Já eu fiz em Theatro trovoadas,
Com raios, e relampagos rão propios,
Que as damas desmaiavão: era hum gosto
Ver a gente fugir dos Camarotes
Espantada, bradar misericordia.

Aldonsa.

Negro gosto! Quem póde divertir-se
Co' a pavorosa Scena de hum flagello?

Branca.

Bom Architecto! Magico parece.

Aprigio.

Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

Inigo.

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de Theatros;
Actor de profissão; isto me basta:
E tambem, Senhor Gil, o louro Apollo,
De comigo tratar não se envergonha:
Mas por não demorar a conferencia,
Em branco assignarei; estou por tudo.

Artur.

O cão he Mouro.

Aprigio.

Inigo, desabafa;
Dize quanto souberes: falla, falla:
Es a columna do Theatro novo.

Inigo.

Pois se devo fallar, digo, Senhores,
Que o Theatro sem Dança pouco vale;
Muito menos sem Musica. Podia
Quem a gloria quizesse de primeiro,
Pôr no Theatro as Operas cantadas
Na lingua Portugueza: eu aqui trago
Huma por mim composta neste gosto.
He a perda de Troia: vê-se Eneas
Sahir c'o Pai as costas: vai Ascanio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a Cidade: cahem as altas torres:
Embarca a gente Frigia: muitos annos

Por inhospito mar andão vagando,
Até que surgem no distante Lacio,
Onde Eneas a Turno tira a vida,
E casa com Lavinia.

Aprigio.

Bravo! Bravo!

Inigo.

Tem varios dúos, arias, cavatinas:
Eu cuido que desbanco a Metastazio.

Branca.

Agora sigo-me eu.

Aprigio.

Espera, Branca.
Perdoa, amigo Jofre, que a memoria
Principia a faltar-me: preterido

Por engano ficaste; e bem podias
Pedir a tua vez. Perdoa, e falla.

Jofre.

Em tal não reparei: eu sou sincéro,
Digo o que entendo; e cuido q' o Theatro
Sem Musica, e sem Dança, nada valle:
Ha cousa mais formosa, que a ligeira
Callada Pantomima, cujos géstos,
Sem auxilio das vozes reprezentão
Reconditas paixões, mudos suspiros,
Que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espetaculo, que os leves
Grandes saltos mortaes? Que ver nos ares
Bater com os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo, e revirar os braços!
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em Portuguez toda cantada:
Para tanto não he a lingua nossa;

Algumas arias, dúos, recitados
Se podem tolerar; o mais em prosa:
Para o Theatro nós não temos versos.

Aprigio.

Fallas como hum Catão. Que dizes, Branca?

Branca.

Eu sou de parecer, que só se façáo
As Portugezas Operas impressas:
Encantos de Medéa; *Precipios*
De Faetonte; *Alecrim*, e *Mangerona*:
Em outras nunca achei galantaria.

Aprigio.

Esse voto era digno de mais annos.
A ti, amigo Artur, que te parece?

Artur.

Que podem parecer-me taes loucuras?
Estou tonto de ouvir estes Senhores?
Parece-me que estou entre Paulistas,
Que arrotando Congonha, me atordião
Co'a fabulosa illustre descendencia
De seus claros Avôs, que de cá forão
Em jaléco, e cerolas. Mas pergunto:
As Commedias de Calderon, Mureto,
Candâmo, e Salazar, isso não presta?
Tem bichos, meus Senhores? Tanta gente,
Imperadores, Reis, Infantes, *Duques*,
Os Condes, e os Marquezes, q'as ouvião
Com gosto e com prazer, erão huns asnos?
Só estes meus Senhores, tem juizo?
Que Colombos, e Gamas denodados,
Para achar novos Climas, novos Mares!
Pois digo-vos, que só se a minha Aldonsa

For decontrario voto, o meu dinheiro
Servirá para as barbaras idéas,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

Aprigio.

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

Aldonsa.

Eu digo, que me louvo no teu voto.

Gil.

Falla, formosa Aldonsa, tu bem sabes
Quaes são as leis, e regras do Theatro.

Aldonsa.

Não aceito a lisonja; porém digo,
Q' em fim approvo quanto tu votaste.

Aprigio.

Eu que tenho dous votos, digo o mesmo.

Artur.

Acabou-se a questão; vivamos todos.

Aprigio.

Agora, amigo Gil, que obra faremos?

Gil.

Eu tenho varios Dramas traduzidos
De Sophocles, d'Euripides, Terencio.

Aprigio.

Nada de Grego, nada; fóra, fóra:
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinhão
Os lances amorosos de que gosta
O povo Portuguez.

Gil.

Queres a *Castro*.
Tragedia do Ferreira?

Aprigio.

Deos me livre!
Amigo Gil Leinel, eu desejava
Hum Drama teu: conheço nesses olhos
A suave ternura de teus versos.

Gil.

Pois, Amigo, encetemos o Theatro
Com a minha *Ifigenia*.

Aprigio.

Bello nome!
Isso he que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas letras, nas esquinas

Ha de pescar curiosos a cardumes.
Repartão-se os papeis ; vamos a isso.

Gil.

Ifigenia , será Aldonsa bella.

Aldonsa.

He extenso o papel ?

Gil.

Não ; he pequeno.
O Senhor Jofre seja Achilles : seja. . . .

Artur.

Espere ; tenha mão , Senhor Poeta ;
Veja como reparte essas garrochas ,
O primeiro Galan a mim me toca.

Gil.

Não pódes ser, Galan; has de ser Barbas.

Artur.

Eu Barbas! Eu que empresto o meu dinheiro!

Gil.

E que tem o dinheiro co' a figura?
Hum velho nunca póde ser mancebo?

Artur.

Senhor Poeta Gil, faça-me a graça,
E ponha-se na rua. *Levantão-se todos.*

Aprigio.

Artur.... Amigo....
Onde está a prudencia desses annos?

Artur.

Quaes annos. *Antes que todo es mi Dama*:
Aldonsa, não a largo; tenho dito.

Jofre.

Que tal, Senhora Aldonsa?

Aldonsa.

Escuta, Jofre.

Branca.

Senhor Artur Bigodes, não se engrile;
Será o que quizer: quer ser Achilles?

Braz.

Arnaldo amigo, vamo-nos çafando,
Que isto não pára aqui.

Arnaldo.

He gente douda
Vão-se os dous.

SCENA VII.

Todos, menos os dous.

Aprigio.

OH Paz, serena Paz! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste!
Inspira-me palavras, com que possa
O velho socegar incarniçado.
Amigo Artur Bigodes, que me perdes!

Artur.

Queria o Doutor Gil, esse barbicas,

Poeta bordalengo, desfraudar-me
D'ametade de mim! Fóra c'o talho!

Inigo.

Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.

Gil.

Amigo Aprigio Fafes, eu attendo
Ao respeito devido á tua casa;
Por isso não respondo a taes injúrias.

Artur.

A Deos, Senhor Poeta; faça versos
A' s moças do seu bairro; não se metta
A Padre Cura de outra Freguezia.

Gil.

Senhor Artur Bigodes, fallaremos. *Vai-se.*

SCENA VIII.

Os mesmos, menos Gil.

Jofre.

A Deos, ingrata Aldonsa.

Aldonsa.

Ouve-me, Jofre.

Jofre.

Não venho do Brazil; eu cá sou pobre.

Branca.

A mama não o tem culpa: crê-me, Jofre.

Artur.

Senhor Mestre de Solfa, vá-se embora,
Que esta menina toma agora estado,
E vai senhora ser da sua casa.

Inigo.

Branca, o Mineiro cuida que esta casa
He cenzala, ou possilga de crioulos.

Branca.

Assim convem, assim melhor se encrava.

Aprigio.

Amigo Artur, as noivas não costumão
Os Mestre despedir: levão comsigo
Cravo, livros de Solfa. O Mestre attento
Vai logo no outro dia visitalla.

Artur.

Se for a minha casa, hei de partillo.

Jofre.

Sim, barbas lhe deo Maio. A Deos, Aprigio.
Vai-se.

Aldonsa.

Infausta sêde de ouro, a quanto obrigas
A cara liberdade! O puro affecto
A duro captiveiro hoje condemnas!

Artur.

Amigo Aprigio Fafes, de Theatro
Bem te podes deixar; assás nos bástão
Os Theatros que temos em Lisboa:

Nem tudo ha de ser Operas, ou Comedia.
Eu caso com Aldonsa, e dóto Branca:
O noivo, lá o busca; pois conheces
Os Bonifrates de chapéo pequeno,
De rabicho, e casacas estiradas,
De que gostão as moças deste tempo.

Aprigio.

Alli Inigo está, que para Genro
Deseja de comprallo a mesma Thetis.

Inigo.

Que ventura maior! Branca, que dizes?

Branca.

Bem sabes o que posso responder-te,
Se de antigos extremos não te esqueces.

Aprigio.

Inda o Fado não quer, inda não chega
A Epoca feliz, e suspirada,
De lançar do Theatro alheias Musas,
De restaurar a Scena Portugueza.
Vós Manes de *Ferreira*, e de *Miranda*:
E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as graças
Embalárão o berço, e te gravárão
Na honrada campa o nome de Terencio;
Esperai, esperai, q' inda vingados,
E soltos vos vereis do Esquecimento.
Illustres Portuguezes, no Theatro
Não negueis hum lugar ás vossas Musas:
Ellas, não as alheias, publicárão
De vossos bons Avôs os grandes feitos,
Que eternos soarão em seus escritos:
E podeis esperar paga tão nobre,

Se detestando parecer ingrato,
Lhes defenderdes o Paterno Ninho,
E quizerdes com honra agazalhallas.

ASSEMBLEA,

OU

PARTIDA.

DRAMA.

ACTORES.

BRAZ CARRIL.
D. URRACA AZEVIA, *Mulher de Braz Carril.*

JOFRE
D. DULCE. } *Filhos dos ditos.*
D. BRANCA.

JACOB BILHOSTRE.
GASPAR PICOTE.
GIL FUSTOTE, *Compadre de Braz Carril.*
DOUTOR MUCONIO, *Medico.*
D. MAFALDA, *sua filha.*
FLORESTÃO, *Escudeiro* } *de Braz*
LOURENÇA, *Criada* } *Carril.*
Hum Alcaide.
Hum Escrivão.
Dous Gallegos.

Prostaticas.

Jogadores, e Convidados.
Damas convidadas.
Quadrilheiros.

A Scena representa a casa de Braz Carril.

SCENA I.

Braz Carril, e Gil Fustote.

Braz.

ENtendes, Gil Fustote, o que te digo?

Gil.

Entendo, entendo: dizes que partida
Hoje em casa terás, ou Assembléa;
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares, e merendas são o fruto
Da reloucada teima de Fidalga
Com que tua mulher sagaz te enloixa,

Ou te embrulha na rede em que perneas:
Compaixão, grande compaixão me deves.
Partidas! Assembléa! Que mania!

Braz.

E chamas tu mania, Gil Fustote,
O viver, como vive a gente séria
Hoje em Lisboa? Grandes, e pequenos
Todos querem gozar das sans delicias,
Do suave prazer da Companhia.

Gil.

Sem esses bons prazeres, e delicias
Nossos Avôs, e nossos Pais vivêrão
Fartos, alegres, ricos, e contentes.

Braz.

Ora já que traziáo retorcidos
Os grizalhos bigodes; estirada

A esqualida guedelha ; no pescoço
Crespas golilhas ; gorra na cabeça ;
As calças retalhadas , e pantufos ;
Não tragas tu casaca , e cabelleira ,
Nem ates com fivelas os çapatos.
Mudão-se os tempos , mudão-se os costumes.
Não vês no frio Inverno ao tronco annoso
Cahir-lhe as murchas cans , e quando torna
A fresca Primavera , verdejarem
Cobertos de mil folhas novos ramos ?
Assim as modas são , assim os usos :
E devemo-nos todos sujeitar-nos
A tão perpétuas leis da Natureza.

Gil.

Amigo , amigo , estás perdido .... Doudo.

Braz.

Com os olhos abertos.

Gil.

Não to invejo,
Nem quero governar a casa alheia:
Fica-te em paz com tuas Assembléas,
Podes sem mim fazer a Synagoga.

Braz.

Caro Fustote, espera que não posso ....

Gil.

Eu não canto, nem sou árreburrinho:
Pouco gósto de Chá, menos de Jogo:
Falta cá não farei: a Deos, Amigo.

Braz.

Espera, espera, podes divertir-te,
Ouvindo duas árias, temos doce,
E doce delicado, se quiseres.

Gil.

Não caio nesse anzol.

Braz.

Meu Gil Fustote,
Espera, escuta....

Gil,

Dize, que mais queres?

Braz.

Eu queria pedir-te algum dinheiro,
Porque estou sem real: olha em que dia!

Gil.

Pois a perpétua lei da Natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gasto?

Braz.

Amigo Gil Fustote, eu pouco peço;
Dá-me, se quer, seis mil e quatrocentos:
Acode-me; e conforme o nosso ajuste,
Sete e duzentos lançarás na conta.

Gil.

Seis mil e quatrocentos! Quem mos dera!
Não me pagão tão bem os meus foreiros;
E a divida vai já de foz em fóra.

Braz.

Oito mil reis porás.

Gil.

Isso he perder-te.

Braz.

Qual perder-me.

Gil.

Amigo, eu não podia;
Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta:
Eu chamo a Deos dos Ceos por testemunha
Sem juro te levar, sem interesse
De tão forçosa vexação remir-te;
E que o pouco que mandas que accrescente
A' nossa conta, he dado, e não por força,
Sim de livre vontade. A Deos, amigo,
Que vou vestir-me, e logo tórno. *Vai-se.*

SCEEA II.

Braz sómente.

Braz.

TEnho
Para sequilhos, chá, café, e cartas.
Falta só para luzes. Que remedio!
Recorro ao coscorrinho da Senhora,
Que he fonte limpa. Dona Urraca... Urraca...
Cantando.

SCENA III.

Braz, e Urraca.

Urraca.

ASsim se chama, Braz, huma Fidalga?

Braz.

Perdoa, filha, que hoje não me lembro
Nem de Excellencias, nem de Senhorias:
Mandando á via estou a náo ronceira
Com vento escasso, e com estofas aguas.

Urraca.

O rato sempre foge para a palha;
E preto velho não aprende lingua.

Braz.

Que vens a dizer nisso? Que me esqueço
De etiquetas, mesuras, ceremonias,
E mais ritos, e leis da fidalguia,
Com que queres Urraca ser tratada?
Ou entendes, que meus Progenitores
Descendem de outro Adão, e que não forão
Por seus honrados feitos estimados,

Bons Vassallos fieis, e servidores?

Urraca.

Tem bem que ver Carrís, com Azevias
Por linha masculina descendentes
De Principes, de Reis, Imperadores,
E que até nos colchetes dos costados
Tem mitras, e requetes!

Braz.

Basta, basta!
Senhora, Excellentissima Senhora, } *Fazendo-*
Dona Urraca Azevia! Mas menina, } *lhe muitas*
Vamos ao caso: falta para a noite } *cortezias.*
Dous arrateis de vélas... Eu não posso....

Urraca.

Queres, já sei, pregar-me esse callote.

Braz.

Não he cal lote : que pagar prometto.

Urraca.

Quando tiverem dentes as gallinhas ;
Mas para que conheça que não falto
Quando he preciso , mandarei buscallos.

Braz.

Onde mezas não ha , não ha cadeiras ,
Colheres , castiçaes , pratos , bandejas ;
Querer dar Assembléas , e Partidas ,
He nadar sem bexigas.

Urraca.

Mas com labia
Tudo se vence , tudo se consegue ;
Porque a gente ordinaria agazalhada

Com huma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lá. Anda o dinheiro
Pelas mãos de vil'ões contra vontade:
E como galgo em tréla cubiçoso
De entrar nas algibeiras de Fidalgos,
Para brilhar com pompa, e luzimento
Em ricas mezas, em custosas galas.

Braz.

Ah, Vossa Senhoria, ou Excellencia,
He perdida entre nós: que sã doutrina,
Que politicas maximas de Estado,
Cahindo não lhe estão por entre os dedos?
Que florente não fora o vasto Imperio
Das fulas Amazonas, se o regéra
Tão gentil coração, alma tão nobre!

Urraca.

Só me julga capaz de mandar gente

Tão çáfara, e boçal? Negros, Tapuias?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito
Que tu fazes de mim: bem me conheces,
Se fosse outra qualquer dessas que campão
Por Letradas, que gostão de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem, se lhos fazem,
Desses....

SCENA IV.

Hum Gallego com huma teiga, e os mesmos.

Gallego.

AQui, Senhor, manda meu Amo
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede,
Vem oito castiçaes; diz que tizoura
He traste que não tem, menos de prata:
Que virá a seu pés, como lhe ordena,

Que sempre estimará poder servi-lo.

Braz.

Vai-te, dize ao Senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi, que fica entregue.

Vai-se o Gallego.

SCENA V.

Braz, e Urraca.

Braz.

VEjamos que taes são. Oh lá! Soberbos!
Que sécia, minhá Urraca! Estás contente?

Urraca.

Nunca vi castiçaes? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalárão?
Que nasci n' hum curral?

Braz.

Não digo tanto;
Mas olha, são magníficos, e novos.

Urraca.

Na verdade são bons, mal empregados
Em casa, onde bastava huma candeia;
E talvez que nem essa ella teria,
Quando cebo vendia aos Remulares
Na fetida baiúca.... Mas o tempo....

SCENA VI.

Outro Gallego com teiga, e os mesmos.

Gallego.

AQui manda o Senhor Gaspar Picote

Açucareiro, bulle, e cafeteira
Com tres duzias de chicaras, e pires,
Que sente não ter mais; e fica prompto
Para a vossas mercês servir em tudo.

Urraca.

Mercê, a mim mercê? mercê, maroto! *Irada, e*
Attrevido, insolente, vai-te embora, *furioza.*
Tu não sabes fallar? Dize a teu amo
Que te mande ensinar: logo pareces
Criado de Villão....

Braz.

Urraca, Urraca....

Urraca.

Tolo, tolo! E pertendes que tolere
Semelhante dizer? Foras tu outro,
E souberas melhor desaggravar-me.

Mas tenho quem nas veias lhe circule
O sangue generoso de Azevias,
Que vingar saberá tamanha offensa. *Vai-se.*

SCENA VII.

Gallego, e Braz Carril.

Gallego.

A Senhora está douda? Coitadinha.

Braz.

Vai-te, rapaz, a Deos, vai-te de pressa,
Não te venha pregar alguma surra.

Galllego.

A mim! Senhor, porque?

Braz.

Çafa-te, foje.
Vai-se o Gallego.

SCENA VIII.

Jofre, Urraca, Florestão, Lourença, e Braz.

Jofre.

MAroto... Patifão... Villão... Gallego... Attrevido... Insolente... *Corendo todo o Theatro.*

Braz.

Oh lá, que he isto? Jofre, não ouves? Onde vas?... Espera. *Correndo atrás de Jofre.*

Jofre.

Este Villão ruim, ladrão, patife...

Urraca.

Mata, filho, mata. A ferro, e fogo
Assollárão teus inclytos maiores
Tetuão, Azamôr, Tângere, Arzilla.

Florestão.

Mate, Fidalgo, mate esse Gallego;
Seja David, do sordido Golias. *Com huma tisoura.*

Bras.

Tem mão, tem mão. *A Jofre.*

Jofre.

Senhor, deixe-me.

Urraca.

Mata,

Mata, meu filho, mata.

Florestão.

Morra, mate.

Braz.

A quem, a quem? *Enfadado.*

Jofre.

Villão....

Urraca:

Filho...

Florestão.

Fidalgo...

Lourença.

Mate....

Braz.

Tem mão, oh lá! Jofre, que fazes? *Pega-lhe no braço.*

Lourença.

Com a pá de varrer nesta batalha
A forneira serei de Aljubarrota. *Dando em Jofre.*

Braz.

Não ouves, marotão? Anda patife. *Da-lhe.*

Urraca.

Villão....

Florestão.

Fidalgo.

Urraca.

Assim se trata hum filho,
Descendente de heroes?

Florestão.

Fidalgo. *Sustendo a Braz Lourença.*

Dalgo.

Florestão.

Vossa Excellencia, Vossa Senhoria....

SCENA IX.

Jacob, e os ditos.

Jacob.

A Partida por Entremez começa?
Senhora Dona Urraca .... Amigo, amigo.

Braz.

Senhor Monsieur Bilhostre, este magano ....

Urraca.

Senhor Bilhostre, hum filho meu ... Fidalgo
Descendente do grande Lancerote
Que a Barbarôxa arrancava as barbas,
Que arrastou pelos sordidos cabellos
Solimões, Mustafas, e Mafamedes,
Não devêra seu Pai injuriallo,

E na minha presença.

Braz.

Mas que injúria?

Urraca.

Não he injúria dar-lhe bofetadas?
Alma fidalga de meu Pai, que gozas
No Empyreo ao menos do lugar de Duque,
Como não desces a vingar tamanha,
Tão desmedida affronta?

Jacob.

Não, Senhora,
O castigo de hum Pai não he injúria.
Mas, Senhores, o dia de partida,
Hum tão solemne dia, não he dia
De arruidos, de rixas, e disputas:
Em Londres, em Pariz, Parma, e Veneza

Estes bons dias são em todo o Mundo
Ao prazer, e socego dedicados.
Solto, e mil farpas de ouro despedindo
Anda voando Amor nas Assembléas,
E qual sonora abelha em lindas flores
Bebe o suave nectar nos formosos,
E triunfantes olhos das Madamas,
Com que ferozes corações abranda,
D' homens os mais austéros, e sizudos.

Braz.

Muito bem me parece: pazes, pazes.
Leva a teiga dahi: ouves, Lourença?

Urraca.

Que perdestes, meu Jofre?

Jofre.

Huma arrecada,

Que me cahio da orelha, e tenho sangue.
Apalpando-a.

Braz.

Huma orelha?

Florestão.

Não, Senhor, hum brinco.

Urraca.

Busca, Lourença.

Lourença.

Hum... dous... tres, e argolinha
Brincando, e cantando.
Eila... não... finca pé de pampollinha. * *Parando.*

Florestão.

Eila, Fidalgo. Alviçaras, Fidalga.

Braz.

Ora está bem, Senhora, vá vestir-se:
Vai tu, Lourença, vai limpar a prata;
E tu vai, Florestão, comprar o doce.

Urraca.

Com licença, Senhor. *Fazendo huma mesura, vai-se.*

Jacob.

Minha Senhora.

Jofre.

Quem ha de pentear-me, se vas fóra?

Florestão.

Se me manda seu Pai.

Braz.

Não, não, primeiro
O podes pentear.

Florestão.

Vamos, Fidalgo.

Jofre.

Vamos de pressa, Florestão, que he tarde.

Vão-se.

SCENA X.

Jacob Bilhostre, e Braz Carril.

Jacob.

HOje, Senhor Carril, vinha mais cedo
Para metter em ordem de batalha
As mezas, e cadeiras: todos fallão
Em Partida, Assembléa: poucos sabem
As regras da importante symmetria,
Com que se deve preparar a sala,
Que serve para hum acto tão vistoso;
Porém vejo que tudo está já prompto,
Tudo no seu lugar.

Braz.

Falta-me a cera,

Acabou-se o dinheiro.

Jacob.

Eu pouco trago:
Bastará hum quartinho?

Braz.

Basta, basta,
Eu lhe mando já vir as raparigas.

Jacob.

Muito bom Cravo.

Braz.

He do Doutor Muconio.
Daquelle Corifeo da Medicina.

Jacob.

Elle vem cá?

Braz.

Espero que não falte.

Jacob.

Sua filha virá ?

Braz.

Foi convidada.

Jacob.

Venha com Deos.

Braz.

Eu cuido que me chamão.

SCENA XI.

Jacob, Braz, Dulce, e Dona Branca.

Dulce.

VA' de pressa, meu Pai, que he lá preciso.

Braz.

Que falta lá?

Dulce.

Dinheiro para açucar. *Vai-se Braz.*

Branca.

Boa tarde, Senhor Jacob Bilhostre.

Jacob.

Senhora Dona Branca, boa tarde.
Minha Dulce, meu bem, minha Senhora.

Dulce.

A Pedro donde vem fallar Gallego?

Jacob.

Do coração, do coração rebenta
O vezuvio de fervidos suspiros,
Com que humilde, captiva a liberdade,
Ante esses lindos olhos ajoelha.

Dulce.

Não me falle em Latim, que não entendo.

Jacob.

Entendes, bella Dulce, bem me entendes,

Estas a frases são, com que se explica
Huma alma tão discreta que te adora.

Dulce.

O bem que representa! Logo mostra
Que a filha do Doutor soube ensaiallo.

Jacob.

A filha do Doutor?

Dulce.

Dona Mafalda.

Jacob.

Se eu, Branca, lhe fallei....

Branca.

Eu, que me importa.

Jacob.

Escuta, minha Dulce....

Dulce.

He mui formosa!

Jacob.

Aqui de cumprimento....

Dulce.

Mui discreta.

Jacob.

Se fui a sua casa....

Dulce.

Que bem canta!

Branca.

Dança muito melhor.

Jacob.

Porém, Senhoras....

Dulce.

Tem bom dote.

Jacob.

Mas eu.....

Branca.

O Pai he rico.

Jacob.

Escuta, minha Dulce....

Dulce.

Eu não sou sua.
Da formosa Mafalda he só vassallo
Esse perdido coração infame;
Tudo, tudo já sei.

Jacob.

He tudo engano.
Se, Dulce, quebrantei a fé jurada,
Nunca mais a meus olhos esclareça
O vivo, e gentil lume que amanhece
Em teu semblante angelico; troando
Em vermelhos coriscos se converta,
Caia, fulmine, assombre, despedace
Alma, vida, sentidos, pensamentos,
E o fido coração onde tu reinas
Deixe a teus pés de lagrimas banhado
Entre pizadas cinzas palpitando.

Dulce.

Branca, não lhe resisto.

Branca.

Eu me estremeço.

Jacob.

Dulce, minha Senhora, Dulce amada,
Ah! não fujas, escuta, ouve-me, espera,
Ao menos me permitte o desafogo
Daquella mão beijar por despedida,
A cujo acêno o mesmo Amor se humilha.
E que de Amor o arco retorcido
Enristadas as fréchas estridentes
Mirou ao fraco peito que anhelava
De teus soberbos olhos ser ferido.
Bem me viste cahir, Dulce, bem viste
Do roto coração o sangue quente

Fumegando brotar, e em crespos rios
Alagar a campanha que pizavas,
Os miseros despojos arrastando.

Dulce.

Oh que fracas nós somos! Pois nos rende,
Nos encanta, e captiva a liberdade
O doce som d' humas sonoras vozes,
Que raras vezes, Mana, percebemos.

Branca.

As que de versos gostão, não resistem
A' buena dicha d' um Poeta amante.

Jacob.

Dulce, formosa Dulce! Dulce ingrata,
Se minhas tristes queixas não entendes,
Entende, entende as lagrimas que choro:
Olha, vê c' os teus olhos, em meus olhos

Brilhar o vivo fogo, com que abrazas
Huma alma, que só vive de querer-te.

Dulce.

Branca, não posso.... Morro.

Branca.

Choras ' Dulce?

Dalce.

Basta, basta, Jacob, em fim venceste.
De tão fiel rendida vassallagem
Não quero desprezar o sacrificio;
Mas ouve a dura lei, se me promettes
O bservalla com animo constante.

Jacab.

Pela luz dos teus olhos o prometto.

Dulce.

Vê o que dizes, nunca mais a casa
Tornarás de Mafalda.

Jacob.

Assim o juro,
Dulce, minha Senhora.

SCENA XII.

Gaspar Picote, e os mesmos.

Picote.

BOa tarde,
Senhora Dona Dulce: minha Branca,
Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo
Que vão amanhecendo nesta casa
Os polidos costumos estrangeiros.

Graças a Deos, que temos Assembléa,
Que já temos Partida, que podemos
Sem pejo conversar, que rir podemos
Sem receio dos olhos assustados,
Com que a Senhora Dona Urraca altiva,
Inda mais que ciosa, pertendia
Espantar os lindissimos Amores,
Que em torno do seu rosto andão voando.

Branca.

Isto he Comedia, Dulce; trazem ambos
Os papeis estudados.

Dulce,

Eu te creio.

Branca.

Imaginas, Senhor Gaspar Picote,
Que isto he casa de baile? Inda náo sabes

Que pessoas da nossa qualidade....

Picote.

Já vejo, são de pedra, são de bronze:
E em vez de alvos, de crystallinos peitos,
Trazem arnezes d' aço, e diamante,
Onde de balde rompe Amor as settas.

Branca.

Não o diga zombando, póde crello.

Picote.

Santas Pascoas; mas isto de Partida
He a feira da Gualva, onde se escolhe:
Logo viráõ Pelouros, branda cera,
Que com mui pouco lume se derrete.

Dulce.

Lé com lé, cré com cré.

Picote.

Amor he cego,
E nunca soube ler Genealogias.
Dize, Branca, virá Dona Mafalda?

Branca.

Virá, logo virá, perfido, ingrato.

Dulce.

Tu chóras, Branca?

Branca.

Chóro, Dulce, chóro
O negro fado, a minha desventura,
Que a querer me forçou com tanto extremo
Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato.

Picote.

Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato,
Palavras são de Amor, e de quem ama;
Mas tão grande Senhora, e tão fidalga
Não póde ter amor, amar não deve,
Que desta vil paixão nasceo izenta.
E dous milhões de Avôs, que não farião,
Se sonhassem que a Neta namorada
Maculava a prosapia generosa,
Acolhendo os suspiros de hum amante,
Que ao certo não se sabe se descende
De Abel, ou de Caim. Melhor me fora
Remar n' uma Galé; qual outro Orestes
Das veneraveis Furias avexado
Me víra em toda a parte perseguido
De finados Heroes, sombras illustres.

Jacob.

Caro amigo Picote, basta, basta,
Estes arrufos são de namorados.
Mas hoje não he dia....

SCENA XIII.

Jofre, e os ditos.

Jofre.

MEus Senhores,
Meu Jacob, Meu Gaspar, caros amigos....
Mas para carruagem; foi á porta....
Será Dona Mafalda.... Com licença.
Vou a baixo buscalla, e dar-lhe o braço. *Vai-se.*

Picote.

Perdoa, minha Branca.

Branca.

Ahi vem Mafalda,

E não vas recebella?

Picote.

Não, Senhora.

SCENA XIV.

Jofre, Mafalda, Urraca, e os ditos.

Mafalda.

NÃo pude vir mais cedo, Senhor Jofre.

Jofre.

Quando a Aurora apparece, sempre he cedo.

Branca.

Eu aquí venho já c' a minha Dama.

Urraca.

Minha linda Mafalda, quanto estimo
Que venhas divertir-te, e divertir-nos.

Braz.

O Doutor não virá?

Mafalda.

Teve recado
Para ir a huma junta; mais vem logo.

SCENA XV.

Gil Fustote, Lourença, Braz, e Florestão.

Gil.

ORa vejamos isto de Assembléa
Em que vem a parar.

Braz.

Que te parece,
Amigo Gil Fustote? Não te agrada
Tão sincéra alegria:

Gil,

Agrada, agrada.

Braz.

Não ha maior prazer, que a companhia.

Gil.

Té o lavar dos cestos he vindima.

Braz.

Lourença, Florestão; venhão cá todos,
Tragão cadeiras, tragão cartas, luzes.

Lourença.

Trarei os castiçaes, ou candieiro?

Braz.

O candieiro, tolla? Vélas, vélas.

Lourença.

Sem castiçaes?

Braz.

Com castiçaes. Que burra!

Lourença.

Temos sepulcro. *Vai-se.*

Florestão.

Cuido que he charola. *Vai-se.*

SCENA XVI.

Braz, Jacob, Gaspar Picote, Jofre, Gil Fustote, Mafalda, Dulce, Branca, e Urraca.

Braz.

Eia, Senhores, vamos, comecemos
A famosa Partida, haja fandango,

Alegria, brinquemos, alegria;
Fóra huma cã se lance, fallem, fallem:
Minhas Senhoras, dancem, cantem, rião:
Fóra, fóra daqui as ceremonias.
Allon, sentar, sentar sem precedencias;
Venha chá, venha doce, venhão cartas,
Joguem, e ralhem, gritem, descomponha
O parceiro ao parceiro, he desafogo
Que foi sempre a quem perde concedido.
Senhor Eilhostre, a boa Poesia
A pezar de Platão, e de seiscentos,
Que nunca o lêrão, seu lugar merece:
Venha mote, lá vái, lá vai, ouçamos.

Jacob.

Amigo Braz Carril, a Poesia
Não he Adufe, Gaita, nem Viola,
Que tanja cada qual quando lhe agrada;
Logo, logo será.

Picote.

Ao Cravo, ao Cravo,
As Senhoras cantando nos inspirão
Versos das Musas, e de Apollo dignos.

Jofre.

A Senhora Mafalda principie.
Já pezados nas azas os Amores
Estão c' a boca aberta para ouvilla,
E os estrondosos ventos enclaustrando
Eolo amarra o Odre, porque teme
Que tão doces angelicos accentos
Varrendo os mansos áres lhe desmanchem.

Mafalda.

Isso, com pouco mais, era hum Soneto.

Dulce.

E dos da moda.

Picote.

O Prologo he já grande.
Vamos, que o tempo voa.

Braz.

He certo, he certo;
Jenhores, attenção: fallem calados:
Vá, sente-se, Senhora Mafaldinha.
Mas espere; a Cantata de Dido ha de
Ser recitada: Seja em pé. Ouçamos.

Mafalda.

Inda mais essa?

Braz.

Faltão bastidores,
Cuidarei no Theatro pouco a pouco.

CANTATA.

Mafalda.

JA' no rôxo Oriente branqueando
As prenhes vêlas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos Ventos se escondião.
A miserrima Dido
Pelos Paços reaes vaga ullulando,
C' os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe a presenta:
Com medonho fragor da praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas:
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas

Pião nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Sichêo com débeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa, Elisa.
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara;
Mas vio esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças:
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pállido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com trémulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante

Ouvio enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostrárão
As Iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobrião
O lustroso pavêz, a Teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A Lâmina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito:
E em burbutões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De rôxas espadanas rociadas
Tremem da Sala as Doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao Ceo levanta
Os macerados olhos.

Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dradanio,
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouvírão.

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os fado,
Em quanto Deos
O consentião;
Da triste Dido
A alma acceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice
Assás viveo;
D' alta Carthago
O muro ergueo:
Agora núa,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Flegetonte,
A negra veia
Surcando vai.

Braz.

Bravo, bravo!

Dulce.

Que viva!

Jacob.

Bravo!

Branca.

Viva!

Urraca.

Excellente Cantata!

Picote.

Bella, nobre!

Jacob.

A Musica he sublime!

Jofre.

A Poesia

Não he menos suave, e na verdade

Póde calçar o Tragico Cothurno.

Mafalda.

He do Senhor Bilhostre.

Branca.

Viva, viva!

Dulce.

He do Senhor Bilhostre?

Jacob.

Sim, Senhora.

Dulce.

Falla para a Senhora?

Jacob.

Não, Senhora.

Mafalda.

Não, minha Dulce.

Dulce.

Basta, já percebo.

Braz.

Seguem-se versos, cantem os Poetas
Com plectro de marfim em Letras de ouro.

Jofre.

Lá vai.

Braz.

Tu o primeiro?

Urraca.

Tu Poeta?

SONETO.

Jofre.

NÃo menti, não, se disse q' os Amores
Estavão no ar suspensos, esperando
Que tua voz divina modulando
Aplacasse dos Ventos os furores:
Ergue, Mafalda, os olhos vencedores,
Vêllos-hás para aqui andar voando,
E os retorcidos arcos affrouxando
Largar das tenras mãos os passadores.
Não vês o fulvo Téjo c' o Tridente
Os cavallos azues estar detendo
As levantadas ondas reprimindo?
Se isto sente Mafalda, quem não sente,
Que não sentirei eu, ouvindo, e vendo
Tua angelica voz, teu rosto lindo?

Mafalda.

Bello, sublime!

Jacob.

Viva!

Braz.

Bravo, bravo!

Picote.

Que viva, Senhor Jofre!

Jofre.

Basta, basta.

Urraca.

Tu Poeta, meu Jofre? Coutadinho!

Picote.

E que máo he Senhora, ser Poeta?

Urraca.

De frenezi tão louco imaginava
Que só pobres villões adoecião;
E teus grandes Avôs, q' erão illustres,
Sabião de cavallos, não de livros.

Bilhostre.

Serião excellentes Alveitares.

Dulce.

Poetas nunca achei nos Nobiliarios.
Antes Mouro, ou Judeo.

Branco.

Dulce, estás douda?

Jacob.

Que ha de ser, se eu compuz o recitado.

Braz.

Victor sério, Senhores; versos, versos.

Dulce.

Queres que todos só de versos gostem,
He perverter as leis da Natureza.

Jacob.

He perverter as leis da Natureza.

SONETO.

SE tuas longas azas despregando
De negras louras plumas estofadas
Atrás das leves horas apressadas
O bom dia q'espero vem voando:
Como te estás, ó Tempo, demorando
Nestas só de desgosto prolongadas?
Já que vierão tão accelaradas,
Co'a mesma pressa deixas ir passando.
Mas eu cuido que a scena lastimosa
De meus males te deixa suspendido,
Ou perdes só comigo a ligeireza.
Ah! foge de Tragedia tão pasmosa,
Que mostrar-te huma vez enternecido!
He preverter as leis da Natureza.

Dulce.

Viva!

Picote.

Bonito!

Braz.

Deo-me c'os pés n'alma

Urraca.

Nem o Soneto os tem, nem tu Amores.

Braz.

O Soneto tem pés, amor eu tenho.

Urraca.

Insolente, traidor, tu imaginas
Que ter hum velho amor, não he tontice?

Picote.

Que ter hum velho amor, não he tontice.

SONETO.

ESTavão as tres Graças penteando
O cabello subtil de Amor hum dia,
Qual c'o marfim Assyrio lhos abria,
Outras andão mil gemmas preparando.
Amor, como rapaz de quando em quando
Co' a douda cabeça lhe fugia;
Porém vê q'Eufrosina se sorria,
Porque Aglauro lhe está as cans tirando.
O menino pasmado vê no espelho
Por entre os anneis de ouro reluzente
Branquejar a saraiva da velhice:
Suspira, e diz: Oh! Saiba a cega gente,
Que Amor nascendo moço se faz velho,
Que ter hum velho amor, não he tontice.

Urraca.

Senhor Picote, viva muitos annos.

Braz.

Bravo, Picote, viva, bom Soneto!

Branca.

Viva, Senhor Picote! Ha de escrevello.

Picote.

Tal não farei, por certo.

Braz.

Eu tambem quero
Mostrar o meu talento: venha mote.

Urraca.

Que fazes, Braz, que fazes?

Braz.

Versos, versos;
Porque tambem levei palmatoadas,
Aprendi, estudei; e no meu tempo
Soube mui bem Syntaxe.

SCENA XVII.

Muconio, e os ditos.

Muconio.

BOas noites.
Criado meus Senhores, e Senhoras.

Jofre.

Senhor Doutor Muconio.

Muconio.

Senhor Jofre.
Mas que vejo, Senhores! Fujão, fujão.
Foge, Mafalda, fujão, fujão, todos.

Braz.

De que havemos fugir?

Dulce.

Ai que eu desmaio.

Branca.

Que he?

Urraca.

Que será?

Muconio.

Fujamos.

Jacob.

De quem?

Muconio.

Fujão,

Fujão, fujão, Senhores! Estão cegos?
Não tem visto, não tem inda observado
No Senhor Jofre os tetricos symptomas
Da endemica, epidemica, estrangeira,
Pestifera, lethal, enfermidade,
Que grassando em Lisboa, insulta, ataca
A pobre, debil mocidade estulta.

Braz.

He peste, meu Doutor?

Muconio.

Sim, Senhor, peste?
E peste a mais cruel que tenho visto.

Urraca.

Deos nos livre, Doutor!

Jacob.

Está zombando,
Senhor Muconio?

Picote.

Branca, será ópio?

Muconio.

Não zombo, não, Senhores, fallo sério.
He hum forte contagio de chicotes,
De tranças, e de arrochos no cachaço,
De que andão enfeitados os Casquilhos.

Jacob.

Eu não disse, Senhores, que era brinco?

Muconio.

He bom brinco, Bilhostre, he mal, he peste,
He a Plica Polonica doença,
Que assim como no Norte, e em varios climas
Os Polacos, e Sármares transforma
Em medonhos espectros, e fantasmas,
Transforma cá no nosso continente
Os mancebos gentís em bonifrates.

Braz.

Que nova, que recondita sciencia!
Já tinha reparado na grossura
Deste immenso chicote de meu filho;
Mas cuidei que era moda.

Muconio.

Boa moda!

Jofre.

He boa logração, Doutor Muconio.

Muconio.

Que he boa logração? Fujão, fujamos.

Braz.

Espere, meu Doutor, diga primeiro
Em que pára este mal, em que consiste?

Muconio.

Consiste na disforme, na medonha,
Espantosa grossura dos cabellos,
Que scirrhosos, talvez lignificados,
Se grudão, e se empastão hum com outro:
Esta massa fatal ou codea espessa,
A cutanea excreção embaraçando,
Os humores estagna excrementicios,

Se inflamão, se coagulão nas minutas
Seriferarias glandulas reprezos.

Jofre.

Que se segue da dahi?

Muconio.

O que se segue?
Mais alta, que a columna de Trajano,
Huma agulha, ou pyramide disforme
De esquallidos cabellos, sobre a testa
Dos enfermos estupidos erguida,
Lhe carrega a molleira com tal pezo,
Que convulsos os olhos retorcidos,
Ou abertos em horridos espasmos,
Se trabalhão, se canção, se enfraquecem:
Donde veio o contagio das lunettas,
Que tantos Polyphemos de hum só olho
Encrespando o nariz, mettem á cara.

Braz.

Forte doença !

Branca.

Triste enfermidade !

Jofre.

Chimêras , petas , lograções , mentiras.

Braz.

Calte , insolente. Diga, meu Muconio.

Muconio.

A disforme pasmosa intumescencia
Atacando estas glandulas que disse ,
E que por locação são conglobadas ,
As conglomera tanto , e tanto as une ,
Que a estranha mole , turgida grandeza
Nos inchados pescoços apparece ,
A pezar de dez varas de gravata .

Que a mortalha os focinhos espantados.

Urraca.

Coutado do meu Jofre.

Braz.

Eu bem dizia,
Vendo que não bastava meia peça
De Cambraia, de Cassa, ou Musselina
Para duas gravatas. Meu Muconio,
Falla, dize-nos tudo quanto sabes.

Muconio.

Quanto sei, meus Senhores, são incriveis
Deste tremendo mal, deste contagio
Os enormes, e magicos portentos,
Peiores que os Thessalicos prestigios,
Com que Circe tornou os Companheiros
Do sabio Grego em Javaliz cerdosos.

Alevedado o tumido fermento,
Que as glandulas, em fim, apinhoadas
Em tamanhas escrofulas acabão,
Que em seus doutos escritos nos attestão
Banivenio, e Boneto que cortárão
Alporcas de sessenta, e trinta libras.

Picote.

Opio, carepetão.

Braz.

Bravo, Muconio!

Muconio.

Leião, Senhores, leião, não se rião,
Ouçáo: *In momento temporis* do enfermo
Incha o pescoço; os tabidos bracinhos
Se myrrão, e se encolhem, e parecem
De boneco de massa: mal campeão

As entanguidas pernas marasmadas,
E dos luidos pés cascos vidrentos
O tarso, e metartaso edematoso
Só consente nas unhas as fivellas.
Finalmente, Senhor, degenerando
A massa dos humores pelas pravas
Estranhas qualidades, que lhe adquire
A errada nutrição em todo o corpo;
Os horrendos estragos se propagão
Da triste, da fatal metamorfose,
Que os enfermos, e miseros Casquilhos
Em Peraltas ridiculos transfórma.

Braz.

Tem razão, tem razão, agora atino
Na causa, e na molestia, e já me lembro
De varios Maniquins empanturrados,
Que passeão as ruas de Lisboa
Pállidos, paralyticos, convulsos,

Quasi sempre c' os beiços ruminando,
Que trazem já çafados de lambellos.

Jofre.

Tal não creio, Senhor, he zombaria.

Braz.

Calte, *tollo*, asneirão. Senhor Muconio,
Quero são o rapaz, ahi lho entrego;
E se manda que faça quarentena,
No telhado o porei, não nos empeste
Com seus malignos, e mortaes vapores.

Muconio.

O mal ainda parece incipiente,
Remedios lhe daremos; mas primeiro
Intento deseccar este cabello:
He valente tortulho, enorme trança!

Urraca.

Meu Jofre, tem constancia, tem paciencia.

Jofre.

Senhora, que he mentira.

Muconio.

Qual mentira.

Braz.

Chiton, tollo, chiton.

Jacob.

E cahe no logro!

Picote.

Forte pateta; co me bem as petas!

Braz.

Florestão, Florestão.

Florestão.

Senhor.

Braz.

De pressa,
Desmancha esse rabicho, essa serpente.

Jofre.

Hei de ficar, Senhor, esgadelhado?

Braz.

Sim, Senhor, sim, Senhor. Senhor Muconio
Faça quanto quizer, talhe, retalhe,
Purgue, sangre, tosquie, desenrole....

Muconio.

Olhem lá, meus Senhores, se me engano!
Lignificada a prutida materia
Já vem apparecendo. Vejão, vejão
Que tassalho de páo: he caso horrendo!

Braz.

Pois que vai, minha Urraca, que me dizes,
Em que se torna o sangue de Azevias?

Urraca.

Que posso responder, estou pasmada!

Jacob.

He forte surra!

Picote.

Logração completa.

Muconio.

Que tal he o caroço do lobinho?
Coutado do rapaz.

Braz.

Deite isso fóra.

Muconio.

Nada, nada, Senhor, deve guardar-se,
Estes são os cabellos com que sára
De tão damnado cão a mórdedura.
Agora vamos receitar, escute:
Este villoso, esqualido chumaço
Scirrhoso laparão, turgido edema
De tumentes cabellos empastados,
Crestado, secco, estitico, myrrhado,
Pela má rotação do sangue podre,
E total discrazia dos humores

Acidos, corrosivos, virulentos
Adquire a secca, e tabida dureza,
Que do secco Cação a rija pelle:
Para estendello, para amaciallo
Deve ungir-se com balsamo Azinino,
E para o ver elastico, e flexivel
Duas vezes ao dia, nove dias,
Ha de batello, e muito bem sovallo
Com este mesmo arrocho, taco, ou tôco,
He remedio excellente, he aprovado,
Que descubri nos priscos cartapacios
De Filon, Serapião, dos Apollonios.

Jacob.

Não está máo o récipe, Muconio!

Jofre.

Basta, basta de judear comigo.

Braz.

Cállas-te, ou queres, Jofre, que te cure?
Approvo esse remedio; mas Muconio,
Onde acharei o balsamo Azinino?

Muconio.

A providente Madre Natureza
Não cria sem antidoto o veneno.
No mesmissimo corpo dos enfermos
Bem atrás das orelhas deposita
Este forte elixir em tenues vasos,
Ou delgados folliculos, que cheios
Do suco burrical, sendo espremidos
Talha, embota as particulas do sangue,
E o deixa circular sem embaraço.

Braz.

Mas diga-me, Doutor, como se espreme?

Muconio.

Puchar-lhe muito bem pelas orelhas.

Picote.

He bom o tal remedio?

Braz.

Quer que o faça?

Jacob.

Peior, peior.

Urraca.

Coutado do meu Jofre.

Muconio.

Não, Senhor, inda não, e depois disto
He preciso cortar-lhe aquella trunfa,

Para a fauce messoria ficar livre,
E a coronaria região sem pezo,
Desembaraçada: os liquidos rotantes
Deixará permear pelos seus vasos:
Banhos, emborcações, e cataplasmas,
Além de outros remedios, facilmente
A força vencerão destas medonhas
Tão enroscadas Aspides da *Lybia*;
E se com todos se pratíca o mesmo,
A florente Lisboa vereis limpa
De caraças, ou frentes de Medusa;
Praga, ou nuvem de estultos gafanhotos,
De Tarecos rabões, melhor diria:
De rabudos Bachas, de enormes caudas.

Braz.

Estou, Doutor, attonito; e já vejo
Quanto sabe, quem sabe a Medicina.

Muconio.

Agora ouçamos duas arias novas.

SCENA XVIII.

Lourença, Florestão, e os ditos.

Lourença.

SEnhor, Senhor.

Florestão.

Senhor.

Braz.

Temos mais peste?

Florestão.

Peior, Senhor, peior!

Braz.

Dize, que he isso?

Lourença.

Peior, Senhor, peior!

Braz.

He fogo em casa?

Florestão.

Peior, peior, Senhor!

Lourença.

Minha Senhora.

Dulce.

Morreo o Papagaio? Dize, dize?

Florestão.

Peior, muito peior! Batem á porta.

Braz.

Vai ver quem he.

Florestão.

Peior!

Braz.

Vai ver, Lourença.

Lourença.

Peior, muito peior!

Florestão.

Peior que tudo!

Braz.

Falla? dize, quem he?

Florestão.

Peior! Alcaides,
Escrivães, e Diabos Quadrilheiros.

Urraca.

Ai, mofina de mim!

Branca.

Tremo.

Dulce.

Desmaio.

Bilhostre.

Ronda talves será.

Braz.

A ronda, a ronda?

Florestão.

He o poder do Mundo com espadas,
Com chuxos, alanternas, até cuido
Que trazem o Carrasco, e mais a forca.

Bilhostre.

Que será?

Picote.

Que ha de ser?

Bilhostre.

Comigo nada.

Picote.

Menos comigo.

Braz.

Se será comigo?
Abre-lhe, Florestão, abre-lhe a porta.

SCENA XIX.

Meirinho, Escrivão,
e os ditos.

Meirinho.

EU, Senhor Braz Carril, venho mandado.

Escrivão.

Somos mandados, manda-nos quem póde.

Braz.

Pois são (e tanto Fariseo) mui mal mandados.

Meirinho.

A parte requereo: somos mandados.

Escrivão.

He parte rija.

Meirinho.

Não se dobra a nada.

Braz.

Mas, que querem de mim, Senhor Meirinho?

Meirinho.

Este Mandado.

Braz.

Irra! Mais mandado,
Vem mandado o Meirinho, e vem mandado
O Escrivão, os Esbirros vem mandados,
E sobre isto ainda vem mais hum mandado!

Urraca.

A casa d' hum Fidalgo Quadrilheiros?

Meirinho.

Somos mandados.

Escrivão.

Seja, ou não Fidalgo:
Quem deve; paga; porém eu, Senhora,
Ao Senhor Braz Carril, bem o conheço,
E que fosse Fidalgo não sabia:
Nomeallo por tal agora o ouço.

Urraca.

A gente baixa não conhece a nobre.

Escrivão.

E nobre! Póde ser.

Urraca.

Meia tigella.

Escrivão.

Isso he louça quebradiça.

Urraca.

He prata fina.

Meirinho.

Vamos, vamos, Senhor, este mandado, Senhor Carril.

Braz.

E que mandado he esse?

Escrivão.

Novecentos mil reis, que o Senhor deve
A Martinho Raimon.

Meirinho.

He Estrangeiro.

Braz.

He hum ladrão ladino: bem conheço
O Capataz de quantos Berlinguetes
Nos vem aqui vender Gatos por Lebres,
Nabos em saccos; cascaveis, pandeiros,
Gaitinhas, berimbáos, quinquilharias;
Que promptos a fiar, tentão a gente,
E depois de empolgar rapaces unhas,

Fervem as citações, fervem penhoras.

Meirinho.

Isso não he do caso, esta sentença....

Braz.

E como hei de pagar essa quantia?
Venhão cá outro dia, hoje não posso.

Escrivão.

Então, Senhor Carril, dê-nos licença.

Braz.

Licença, para que?

Escrivão.

Para fazermos
Penhora no que acharmos.

Meirinho.

Ou ir prezo.

Urraca.

Ir prezo meu Marido?

Escrivão.

Não se assuste:
Talvez, Senhora, q' haja nesta casa
O valor da sentença, e mais das custas;
A nossa diligencia, isso cá fica.

Muconio.

O Cravo he meu, custou-me o meu dinheiro.

Bilhostre.

São meus os Castiçaes, Senhor Carrança.

Picote.

As Chicaras são minhas ; e protesto ,
Senhor André Garrote , que são minhas. *Para o Escrivão.*

Meirinho.

Nós , Senhores , fazemos a penhora ,
Depois requererão.

Muconio.

Essa está boa !

Bilhostre.

He forte chasco !

Picote.

A Deos, Chicaras , Bulle.

Fustote.

Como te vai, Amigo, co' a partida?
He divertida, em fim, he uso, he moda.

Braz.

Té o lavar dos cestos he vindima.
Meu querido Jacob, Picote Amigo,
Doutor Muconio, amigo, caro amigo:
Generoso Fustote, alma d' hum Princípe,
Acudi-me, livrai-me, bons amigos:
E que acção mais illustre, mais honrada,
Que acudir hum amigo a outro amigo?
A amizade fiel, e verdadeira
He dadiva do Ceo, e do Ceo digna,
E dos humanos o maior thesouro;
He fonte donde mana a honra, a fama,
Que os miseros mortaes transforma em Deoses;
Brilhando estão no Ceo Castor, e Pollux;

E no sagrado Templo da Memoria
Nizo, Eurialo, Pylades, Orestes.
Haverá coração, haverá peito
Tanto de aspero, e rigido diamante,
Que não estale, ao menos se enterneça,
Vendo do caro Amigo miseravel
A Consorte fiel desamparada,
Os innocentes filhos sem abrigo,
E nas mesquinhas mãos da Fome horrenda,
Da triste Desnudez, e da Vergonha
Expostos a desprezos, e ludibrios?
Sois meus amigos? Que fazeis, amigos?

Florestão.

Es tu Tullio, meu Braz? Eu não sou nescio:
Não me quero perder, não tenho em casa
Partidas, Assembléas: bem me basta
O que perdi comtigo, e tu gastaste
Em golodices, secias, pataratas:

Quem muito não tiver, que gaste pouco
Deixe-se de Partidas, d' Assembléas,
Brilhar não queira á custas dos amigos.

Dulce.

Que inhumano!

Urraca.

Que baixo, vil!

Urraca.

Infame!

Dulce.

Jacob, caro Jacob! Da triste Dulce
Os suspiros, e lagrimas ardentes,
A fé immaculada, amor sincéro,
Se alguma cousa podem merecer-te,
Não me deixes Jacob; e se por minhas,

Estas sentidas vozes, não te movem,
Mova-te o grande, e triste desamparo
De huma casta Donzella, bem nascida.

Jacob.

Dulce, minha Senhora, minha gloria,
Não te assustes, não chores, não te affliijas,
Quanto sou, quanto valho, quanto posso
Tudo ao teu descanço sacrifico.

Branca.

Acaso esperas, dize, que te peça?

Picote.

Não, Branca, não, Senhora; espero....

Branca.

Esperas?

Picote.

Que me deixem fallar. Senhor Carrança,
Vou buscar o dinheiro.

Muconio.

Espera, espera:
Amigo Braz Carril, não sou de pedra,
Nem sou tigre, homem sou, os homens amo,
De ter humano coração me prézo.
Descança, pagaremos o que deves:
Darás Dulce a Jacob, Branca a Picote,
Jofre case co' a minha Mafaldinha,
E todos tres o escote pagaremos.

Braz.

Que dizes, Dona Urraca?

Urraca.

Paciencia?
Perdoem meus Avôs: mas a desgraça....

Braz.

Casem, casem; Muconio, estás contente?

Bilhostre.

Minha Dulce, meu Bem!

Dulce.

Caro Bilhostre!

Picote.

Branca, minha esperança, que ventura!

Branca.

Que ventura Gaspar, meu doce emprego!

Lourença.

E nós meu Florestão, não nos casamos?

Florestão.

E porque não, Lourença, sendo gratis?

Muconio.

Senhor André Garrote, em minha casa
O espero da qui a meia hora:
Para pagar mandado, e diligencia,
Tenho não só dinheiro, mas bigodes.

Braz.

Que generoso exemplo de amizade,
De nobres corações, de hontados peitos!
Mas neste raro exemplo se não fie
Quem se empega no mar de desperdicios.
Guarde-se da subita procella

D' Alcaides, e Crédores, que Santelmos
Nem em todos os topes apparecem;
E Bilhostres, Muconios, e Picotes
São difficeis de achar. Batei as palmas.

EPISTOLA.

SE não te enjoas de comer sem pompa
Em toalhas do Minho, em pobre meza,
Onde não tine a rica porçolana,
Nem cança os olhos trémulo reflexo
De burnida colhér, de refulgente
Britanico saleiro; caro Amigo,

Sabio, illustre Sarmento; ou não te assusta
O suspeito convite de hum Poeta
Affeito a dura fome, a duro frio,
Cujo humilde Tugurio Noto açouta,
E Africo lhe arrepia as leves telhas,
Hoje pódes cear na Fonte-santa:
Melhor que o de Falerno, o roxo sumo
Por sordidos Galegos trasfegado,
Na fertil margem do ceruleo Douro
Alegres beberemos: Na cozinha
Estala a secca lenha, brilha o fogo;
O negro bicho, ou negro cozinheiro,
Enroscado no espeto fica assando
Hum lombo corpulento: Agora deixa
As sérias reflexões, as esperanças
Da branca Vara, da soberba Toga,
Das Rascôas vizinhas, lumes fatuos,
Que observas com teu longo Telescopio:
A desabrida noite nos convida

A que juntos passemos poucas horas
Em doce trato, em doce companhia:
Teremos bons Parceiros, cartas novas,
E em ruivos castiçaes de Pexisbeque
Arderão duas candidas bugias:
Já na meza fumega o precioso
Natural Elixir do rico Oriente,
O bom chá quotidiano, mais pedido,
Que o pão de cada dia, nesta casa:
Fóra huma cã lancemos; que não falta
Quem farte o mole ventre com garofos
Para da burra ver entre os ferrolhos
Pendentes barambazes das aranhas:
Não me namorão fartos testamentos,
Opulentas heranças; a meus Filhos
Basta só que lhes deixe para exemplo
A nobre tradição, de que descendem
De hum Pai, que detestou a vil lisonja
Sem humilhar-se ao cheiro do despacho;

Que abrio novo caminho para o Pindo;
Que leu, e que estudou, e que aprendia
Ao menos a zombar da má fortuna;
Que illustres bons Amigos o buscavão,
Como allivio da barbara tortura
De conversar com Getas, e Tapuyas.

ODE.

Não fabulosa Tea de mentido
Gentilico Hymeneo, Illustres Noivos,
Mas sagrada união d' hum Sacramento
Vos prende, e vos ajunta.

Com catholico Rito abençoada
A ditosa alliança, nos promette
Dos Mellos, dos Noronhas, e Menezes
Heroica descendencia.

As illustres acções, que a Fama espalha,
Repetidas veremos: Torna, torna
A boa idade de ouro! A boa idade
Do Nome Luzitano.

Nas respeitadas Campas dos honrados
Vossos claros Maiores subir vemos
As palmas, e loureiros, que regados
C'o sangue illustre fôrão.

Dentre a copada rama se levanta
Estranho Simulacro! Reverbera
No lizo peito de aço o roxo Febo,
Que immensa luz espalha.

Levanta o forte braço a grande espada;
E da folha os relampagos assustão
As soberbas muralhas de Bizancio,
De Tangere, e de Arzilla.

Mas que gentís Guerreiros vejo agora
Concorrer para ouvillo! Alli lhe ensina
O Tatico Systema: Alli lhe mostra
As Avitas façanhas.

Serrados Esquadrões desbaratando
Entre nuvens de fumo as torpes Luas,
Eclipsadas vacillão! No ar ondêão
As sacrosantas Quinas.

Esta a Prole será, que a Pratria espera
De tão ditoso Thalamo, que as Musas
Já desejão cantar: Já lhe preparão
Alegres Epinicios.

ODE.

OH mil vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoso Inverno alegre passa!
Que de hum pequeno campo,
Que elle mesmo cultiva, se alimenta
Apascentando as vacas,
Que da mão paternal sómente erdou
C' os dourados novilhos.
Em quanto sobre a terra se reclina
Dormindo descançado
Ao som das frescas aguas de hum regato,
Horrorosos cuidados
O não vem perturbar no brando somno.
A sordida cobiça
Lhe não faz conceber vastos projectos;
Não pensa, não intenta

Atravessar o Cabo tormentoso,
Soffrer chuvas, e ventos,
Ouvir roncar as denegridas ondas,
E ver na feia noite
Entre nuvens a Lua ir escondendo
O macilento rosto,
Por ir commerciar c' os pardos Indios,
E Chinas engenhosos.
A sede insaciavel de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos desertos sertões ás verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah illustre Soeiro, doce Amigo,
O ouro de que serve,
Se os annos vão correndo tão velozes?
Se a morte não consente
Que a enrugada, e pálida velhice
Com passos vagarosos
Nos venha coroar de niveas cans?
O Senhor opulento

Ao seu pobre vizinho encurte o campo,
Que alegre cultivava;
Levantando soberbos Edificios,
Arranque as oliveiras,
O chopo, que sustenta as roxas uvas,
Para ornar seus jardins
De esteril murta, de cheirosas plantas.
O campo, que ondeava
Com as uteis, e pálidas espigas,
Cubra de fresca sombra
Do espesso cedro, do frondoso louro;
Alegre vá passando
No seio das delicias, e regalos.
Mas ah! que não adverte
Que as tres Filhas da noite, as ímpias Parcas,
Gyrando os leves fusos,
Lhe acabão de fiar os curtos dias.
Que a morte inexoravel
Se chega ao rico leito, em que descança,
Mostrando-lhe entre sombras

A macilenta mão, com que lhe péga.
Já entre mil angustias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por longos annos.
Só tu, filha do Ceo,
Impávida Virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

ODE.

AInda que o Ceo sereno, o dia claro
Doce prazer inspire
Aos miseros mortaes, aos namorados;
Pezada escura sombra
O coração me cobre; feias trévas,
Onde a memoria pasma,
Mais longa a saudade representão.
Nem sequer falsos sonhos
Com doce engano aquella luz me fingem,
Por quem sempre suspiro.
Vem, bella Marcia, vem, porque em teus olhos
Me trazes Sol, e dia;
Em teus formosos olhos me amanhece
A mais gentil Aurora;
Em teus formosos olhos vem os raios,
Que dourão estes montes;

Que a secca terra cobrem de mil flores,
Que no meu peito accendem
Doces desejos, doces esperanças,
Finissimos amores.
Mas já Favonio fresco brandamente,
Dos alamos as folhas
Com seus sonoros sopros levantando,
A vinda me annuncía
Dos vencedores olhos por que espero;
Dos olhos, por quem morro:
Ah! que já chega Marcia, socegai-vos,
Meus cançados desejos;
Socegai, esperanças, que já vejo
Nascer o meu bom dia.

ODE.

DE grande nome barbaro desejo
Se o rico Templo da triforme Deosa
A poucas cinzas reduzindo espera
Impia memoria,

He menos torpe, menos detestavel
Tão feio crime, que imitar Horacio
Quem triste fama não quer dar ás aguas
C'o precipicio.

Ora sereno, como o Sol dourado,
De alegres cores todo o Mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detrás da serra.

Mas outras vezes rapido parece,
Aquilão Thracio, que nos Ceos batendo
As negras azas, terra, e mar envolve
Espessa chuva.

Sempre sublime no Parnaso colhe
O digno louro, que lhe adorna a tésta,
Immenso genio com ditosos vôos
Pindaro alcança.

Ou cante a fresca nova Primavera
Dos grossos freixos sacudindo o gello,
Serena a Lua, as graças vem dançando
Com Citherea,

Em quanto ardendo na árida officina
Ao sibilante fuzilar da forja
Mostrão os çujos amarellos rostos
Os rijos Brontes.

Ou já crimine da civil discordia
As mãos vermelhas com latino sangue,
Cala-se o Povo, pálida tristeza
Muda os aspectos.

Ou branco Cisne livre já da Esthigia,
Sinta nascer-lhe rude pello, sinta
Já já nos dedos, sinta já nos hombros
Candidas pennas:

Sobre as Cidades voa, já descobre
Do tormentoso Bosforo bramindo
Parthos, e Scitas, Eperborios campos,
Libicas Syrtes.

Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,
Que o Vestal fogo, Roma, Capitolio,
Tinha esquecido.

Eu vi inteiros nossos Estandartes,
As armas limpas, Centuriões Romanos
C'o as mãos atadas, Regulo dizia,
Vi em Carthago.

Oh grande Horacio, sempre grande, e forte,
Sempre sublime, rápido te eleva:
A nossos olhos súbito se esconde
Entre as Estrellas.

ODE.

DOrmes, Jeruzalem? Acorda, acorda,
Que chega a tua Luz: o Sol Divino
As trevas dissipando, já scintilla,
Já em ti nasce.

Opaca, e negra sombra te cubria;
A gloria do Senhor brilhantes luzes
Derrama sobre ti, sobre teu Povo:
Acorda, acorda.

Estende a vista por teus largos campos,
Vê, vê a immensa gente, que te cerca;
Todos o grande instanse suspiravão,
Todos o esperão.

Olha as fortes Nações, que vem buscando
O resplandor, que espalhas: Denso fumo
O Incenso de Sabá ardendo exhala
Em teus Altares.

Ouro, e Myrrha, Monarcas humilhados
Já com prodiga mão alli te offrecem;
Os olhos báixos, curvos os joelhos,
Teu Templo adorão.

Abertas tuas Portas já recebem
Dos mais remotos climas os tributos;
Já os rebanhos de cedar alvejão
Nas altas serras.

Tudo porém se cala; que profundo,
Respeitoso silencio! Vem, já chega
O Principe da Paz, Deos admiravel
Filho do Eterno.

Huma Virgem pario: Fez-se Deos Homem:
Do Tronco de Jessé rebenta a Vara:
Lá desce sobre a rama abrindo as azas
Mystica Pomba.

Já vem o salvador annunciado
Por Divinos oraculos; abaixão
Já no Lybano os ramos incorruptos
Os altos Cedros.

Densa nuvem de incenso em Saron sóbe:
O cume do carmelo Ambar respira:
Já ferve a branca escuma, que rebenta
De áridas penhas.

CANTIGAS.

Feitas ao Divino Espirito Santo, no anno, em que servio de Imperador hum Filho do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. José de Alencasttro.

I.

ALmo Espirito divino,
Deste Imperio Protector,
Inflamma os devotos peitos,
De que foste Creador.

II.

Tu Paraclyto te chamas;
Fonte viva, é sempiterna;
Incendio de caridade;
E Dedo da mão Paterna.

III.

Do Estelante Empyreo desce,
Nas azas de Sarafins:
Anjos, Thronos te acompanhem
Potestades, Querubins.

IV.

Já com vozes incessantes
Tres vezes Santo te acclamão:
E de tua immensa Gloria
A Magestade proclamão.

V.

Abrão-se as Portas do Ceo,
Enche de luzes a terra:
Os rebeldes inimigos
Longe de nós os desterra!

VI.

Venhão em nosso soccorro
As celestes Legiões,
Para a tremenda batalha
Arma-nos os corações.

VII.

Mil coriscos vomitando
Caia o Dargão furibundo,
Que accezas fauces abrindo
Deseja tragar o Mundo.

VIII.

Derrotadas as catervas
Do caliginoso bando,
Em nossas roxas bandeiras
A victoria está brilhando.

IX.

Sobre a dourada Coroa
Do devoto Imperador,
Vemos fuzilar os raios
De teu divino esplendor.

X.

Em quanto de nossos olhos
Teu lume santo for guia,
Confessaráõ os Infernos
Deste Imperio a soberania.

XI.

De dourada paz gozando
Cantaremos teus louvores,
Dissipando as densas trévas
O ruido dos tambores.

XII.

Em triunfo campeando
Cantaremos a victoria,
Té ver de Sião os muros
Cubertos de immensa gloria.

XIII.

Seguindo tuas bendeiras
Em teu serviço alistados,
Fuliões, e Imperador
Somos de Christo soldados.

XIV.

Armados do lume teu,
Rutilante escudo forte!
Esperaremos constantes
A curva foice da morte.

XV.

Se nosso votos te agradão,
Se escutas nossos clamores,
Sobre a Casa d' Alencastro
Chovão os teus resplendores.

XVI

Entre candidas virtudes
Com illustre heroicidade,
Esmalta os brazões do sangue
Magnanima caridade.

XVII.

Qual o Pelicano terno, (*)
Que o peito de ouro rasgando,
Está c'o sangue das veias
Os filhos alimentando.

(*) Allude ao Pelicano de ouro, que a Familia dos Alencastros tem por tymbre de suas Armas.

XVIII.

Assim a grande alma illustre
Em celeste amor acceza,
O coração rasgará
Para acudir á pobreza.

XIX.

Nos solios da eternidade,
Que occulta tanto Mysterio,
A desejão ver croada
Os Vassallos deste Imperio.

FIM.

INDICE

DAS POESIAS, QUE SE CONTÉM neste Livro.

SONETOS.

Quem de meus versos a lição procura, Pag. 1.
Lutando com mil sustos, mil pezares, 2.
Em magnifica scena a fantasia, - - - 3.
Os antigos Poetas fabulando - - - - - 4.
Cantar Marilia ouvi tão docemente, - 5.
Se eu soubera, Marilia, que vivia - 6.
Cheios de espessa nevoa os Horisontes, 7.
Se, Belliza gentil, pudêra crer-te - - 8.
Ao som da Fonte-santa, que corria - 9.
Qual a mansa Novilha, que innocente 10.
Amor, que mil cilladas me traçava - 11.
Com tigo, Lydia, morão os Amores, - - 12.
Espargindo dourados resplendores - - 13.

Amigo Fr. Joaquim, assim te eu veja, 14.
Com soquete, lanada, e bota-fogo - - 15.
O Louro Chá no Bule fumegando - - - 16.
Depois de atar o pobre barco Algido, - 17.
Vejo na vasta scena do futuro - - - - - 18.
N'uma sonora roda, que girando, - - - 19.
Ao brilhante poder do santo fogo - - - 20.
Ante meus olhos anda Amor voando, - 21.
Salve formoso Dia, alegre Dia! - - - 22.
Não te direi que as Graças, q'os Amores, 23.
Não louves, caro Tyrse, a rouca Lyra - 24.
Faze versos, meu Tyrse; a linda Clara 25.
Quaes as portas de Jano afferrolhadas - 26.
N'uma Galé Mourisca afferrolhado, - 27.
Era alta a noite, a Lua prateada, - - 28.
Foi-se embora o Delfim! Como ficamos? 29.
Ao pellado Eliseu a rapazia - - - - 30.
Não se paga de versos a saudade, - - - 31.
Por entre crespas cerras de enrolado - - 32.

Quem vio o P. Antonio? hum Clerigo alvo, 33.
Com a mão na rabiça, e co' aguilhada - 34.
Appareceo o Padre Antonio; estava - - 35.
Tambem me lembra a mim, que já tiveste 36.
Por Cerastes, e Górgonas lançada, - - 37.
Inda a vermelha Aurora somnolenta, - - 38.
Qual suadosa Mãi, que da ribeira - - - 39.
Q' he delle o Cabeção do Padre Antonio? 40.
Amigo Pradre Antonio, a Fonte-santa 41.
Amigo, fallo serio, saudosos - - - - - 42.
Na solitaria praia a ruiva arêa - - 43.
Pizando mil estrellas radiantes - - - 44.
Hontem se foi daqui Nize formosa, - 45.
Doze vezes o Sol com seus fulgores - 46.
Comigo minha Mãi brincando hum dia, 47.
Doutor Henriques, o Garção doente - 48.
Tres vezes vi, Marilia, de alva Lua - 49.
Lacaios, Mulher, filhos, e criadas, 50.
Já de trás do casal vem resurgindo - 51.

Inda que abrindo a boca o Mar irado, - 52.
Se como tu, Amor, mandas, e queres - 53.
Afortunado Eneas, que sahiste - - - - 54.
Ao som dos duros ferros, que arrastava, 55.
Cujos Brontes estão arregaçados - - - 56.
Espirito gentil do Esposo amado, - - - 57.

ODES.

NÃo Arabico incenso, ouro luzente, 59.
Peleijei, peleijei (e não sem gloria) - - 66.
Pois torna o frio Inverno, sacodindo - 69.
Ligado com asperimas algemas - - - - 73.
O constante Varão, que justo, e firme - 79.
Vê, Silvio, como sacodindo o Inverno - 82.
O Varão justo, que, Senhor, invoca - 86.
Espiritos rebeldes, que as infensas - - 88.
Se na eterna Sião, onde ditoso, - - - 92.
Quando o terrivel Deos dos exercitos, - 96.

Se já ouviste, Silvio magnanimo, - - - 98.
Com suaves caricias, brando, humilde, 104.
Soberbo Galeão, que o porto largas, - 109.
Cercado estava Amor de mil Amores - 115.
Nas despidas paredes, que me abrigão - 119.
Delfim, caro Delfim! Com que ligeiro - 123.
Se em ricas urnas de ouro refulgente, - 130.
Cercado de Pedreiros, de vorazes - - - 137.
Quantos, caro Pinheiro, noite, e dia - 142.
Que facil he com lapis, e compasso - - 147.
Com que fervidos rógos imaginas, - - - 154.
A penas hoje a somnolenta Aurora, - - 158.
Pois sabes, que nas margens do Mondego, 162.
Em quanto o pobre Tyrse descançado - 166.
O dourar a manhã; do Sol, que nasce, 169.

DITHIRAMBOS.

Os brilhantes trançados enastrando - - 171.

Bacco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio; 177.

SATYRAS.

Coridon, Coridon, que negro fado, - - 181.
Não posso, amavel Conde, sujeitar-me 190.

INDICE

DAS POESIAS QUE SE CONTÉM neste Tomo II.

EPISTOLAS.

Se á sombra dos loureiros sempre verdes, 1.
Qual sordido Pedreiro, que doente - - - 7.
Não, Lusitano Povo, eu não consinto - 15.
Se não te enjoas de comer sem pompa - 225.

ROMANCE HENDECASYLLABO.

Subi, Senhor, ao Throno Lusitano - - 21.

MOTES.

Marte, faze-te da moda, - - - - - - 27.
De que me serve o querer-te, - - - - - 31.
Tudo faz o Padre Antonio. - - - - - - 35.

CANTIGAS.

Do campo de Rio-frio - - - - - - - - 37.
Almo Espirito Divino, - - - - - - - - 245.

ENDECHAS.

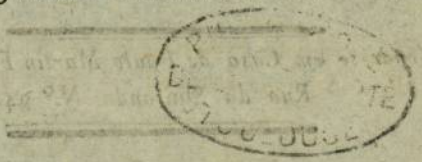
Quem amor não tem - - - - - - - - 42.
Em mil agonias - - - - - - - - - 45.
Cuidava que Briolanja - - - - - - - 46.

DRAMAS

Theatro novo. - - - - - - - - - - 47.
Assembléa, ou Partida. - - - - - - 109.

ODES.

Não fabulosa Tea de mentido - - - - 229.
Oh mil vezes feliz, o que encerrado - 232.
Ainda que o Ceo sereno, o dia claro - 236.
De grande nome barbaro desejo - - - 238.
Dormes, Jerusalem? Acorda, acorda, 242.



Vende-se em Casa de Paulo Martin Filho, na Rua da Quitanda N.º 34.

OBRAS

POETICAS

DE GARÇÃO

Nº

39.330